

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

NOVEMBRO DE 1861

Nº 11

Resquícios da Idade Média

AUTO-DE-FÉ DAS OBRAS ESPÍRITAS EM BARCELONA

Nada informamos aos leitores sobre esse fato, que já não o saibam através da imprensa. O que é de admirar é que certos jornais, que geralmente passam por bem informados, o tenham posto em dúvida. A dúvida não nos surpreende, mas o fato em si mesmo parece tão estranho ao tempo em que vivemos, está de tal modo longe de nossos costumes que, por maior cegueira reconheçamos no fanatismo, pensamos sonhar ao ouvir dizer que as fogueiras da Inquisição ainda se acendem em 1861, às portas da França. Nestas circunstâncias a dúvida é uma homenagem prestada à civilização européia e ao próprio clero católico. Hoje, em presença de uma realidade incontestável, o que mais deve surpreender é que um jornal sério, que diariamente cai sem dó nem piedade sobre os abusos e usurpações do poder sacerdotal, não tenha encontrado, para registrar esse fato, senão algumas palavras zombeteiras, acrescentando: “Em todo o caso, não seríamos nós que nos divertiríamos neste momento em fazer girar as mesas na Espanha.” (*Siècle* de 14 de outubro de 1861). Então o *Siècle* ainda vê o Espiritismo nas mesas girantes? Estará tão engeguecido pelo

cepticismo para ignorar que toda uma doutrina filosófica, eminentemente *progressiva*, saiu dessas mesas, das quais tanto zombaram? Não sabe que esta idéia fermenta em toda parte? Que nas grandes cidades, como nas pequenas localidades, de alto a baixo da escala social, tanto na França quanto no estrangeiro, esta idéia se espalha com inaudita rapidez? Que por toda parte agita as massas, que nela saúdam a aurora de uma renovação social? O golpe com que imaginaram feri-lo não é um indício de sua importância? Porque ninguém se atira assim contra uma infantilidade sem consequência, e Dom Quixote não voltou à Espanha para se debater contra moinhos de vento.

O que não é menos exorbitante, o que causa admiração por não se ver nenhum protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o bispo de Barcelona, de policiar a França. Ao se pedir a reexportação das obras, ele respondeu com uma recusa assim justificada: *A Igreja católica é universal; e sendo estes livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que venham perverter a moral e a religião de outros países.* Eis, assim, um bispo estrangeiro que se institui juiz do que convém ou não convém à França! Então a sentença foi mantida e executada, sem mesmo isentar o destinatário das taxas alfandegárias, cujo pagamento lhe foi exigido.

Eis o relato que nos foi dirigido pessoalmente:

“Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

“A Revista Espírita, diretor Allan Kardec;

“A Revista Espiritualista, diretor Piérard;

“O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec;

“O Livro dos Médiuns, pelo mesmo;

“O que é o Espiritismo, pelo mesmo;

“Fragmentos de sonata ditada pelo Espírito Mozart;

“Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand;

“A História de Joana d’Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau⁵¹;

“A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé.

“Assistiram ao auto-de-fé:

“Um sacerdote com os hábitos sacerdotais, empunhando a cruz numa mão e uma tocha na outra;

“Um escrivão encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

“Um ajudante do escrivão;

“Um empregado superior da administração das alfândegas;

“Três serventes da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

“Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

“Uma multidão incalculável enchia as calçadas e cobria a imensa esplanada onde se erguia a fogueira.

“Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras espíritas, o sacerdote e seus ajudantes se retiraram,

51 N. do T.: *Dufau*, no original. O correto é *Dufaux*: (Ermance Dufaux).

cobertos pelas vaias e maldições de numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

“Em seguida, várias pessoas se aproximaram da fogueira e recolheram as suas cinzas.”

Uma parte das cinzas nos foi enviada. Ali se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos*, consumido pela metade. Nós os conservamos preciosamente, como autêntico testemunho desse ato de insensatez.

À parte qualquer opinião, este caso levanta grave questão de direito internacional. Reconhecemos ao governo espanhol o direito de interditar, em seu território, a entrada de obras que não lhe convenham, como a de todas as mercadorias proibidas. Se as obras tivessem sido introduzidas clandestina e fraudulentamente, nada haveria a objetar; mas foram expedidas ostensivamente e apresentadas à alfândega; havia, pois, uma permissão legalmente solicitada. A alfândega julga dever reportar-se à autoridade episcopal que, sem qualquer formalidade processual, condena as obras a serem queimadas pelas mãos do carrasco. Então o destinatário pede que sejam reexportadas para o lugar de sua procedência e, por fim, lhe é respondido que não as receberá, conforme relatado acima. Perguntamos se em tais circunstâncias a destruição dessa propriedade não é um ato arbitrário e contra o direito comum.

Examinando o caso do ponto de vista de suas conseqüências, diremos, inicialmente, não haver dúvida de que nada poderia ter sido mais benéfico ao Espiritismo. A perseguição sempre foi proveitosa à idéia que quiseram proscriver: exalta a sua importância, chama a sua atenção e a torna conhecida por quantos a ignoravam. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo na Espanha vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é ele; é tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias; as chamas das fogueiras as superexercitam, em vez de abafar. Aliás, as idéias estão no ar, e não há Pireneus bastante

altos para as deter. Quando uma idéia é grande e generosa encontra milhares de pulmões prestes a aspirá-la. Façam o que quiserem, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-la frutificar. Mas não é somente na Espanha que se produzirá tal resultado: o mundo inteiro sentirá o contragolpe. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como bem o merece. Entre outros, *Las Novedades* de Madrid, de 19 de outubro, contém notável artigo a respeito. Será reproduzido em nosso próximo número.

Espíritas de todos os países! Não esqueçais esta data: 9 de outubro de 1861; será marcada nos fastos do Espiritismo. Que ela seja para vós um dia de festa, e não de luto, porque é a garantia de vosso próximo triunfo!

Entre as numerosas comunicações que os Espíritos ditaram a respeito, citaremos apenas as duas seguintes, dadas espontaneamente na Sociedade de Paris. Elas resumem as causas e todas as suas conseqüências.

SOBRE O AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

“O amor da verdade deve sempre fazer-se ouvir: ela rompe o véu e brilha ao mesmo tempo por toda parte. O Espiritismo tornou-se conhecido de todos; logo será julgado e posto em prática. Quanto mais perseguições houver, tanto mais depressa esta sublime doutrina alcançará o apogeu. Seus mais cruéis inimigos, os inimigos do Cristo e do progresso, atuam de maneira que ninguém possa ignorar a permissão de Deus, dada àqueles que deixaram esta Terra de exílio, de voltarem aos que amaram.

“Ficai certos: as fogueiras apagar-se-ão por si mesmas; e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive.”

Nota – Este Espírito, tendo se manifestado espontaneamente, disse ser o de um antigo livreiro do século dezesseis.

OUTRA

“Era necessário que algo ferisse violentamente certos Espíritos encarnados, a fim de que se decidissem a ocupar-se desta grande doutrina que vai regenerar o mundo. Nada é feito inutilmente em vossa Terra. Nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos perfeitamente que assim agindo daríamos um grande passo à frente. Esse fato brutal, inacreditável nos tempos atuais, foi consumado com vistas a chamar a atenção dos jornalistas que se mantinham indiferentes diante da profunda agitação que tomava conta das cidades e dos centros espíritas. Eles deixavam dizer e fazer, mas, obstinados, faziam ouvidos de mercador, respondendo pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Queiram ou não, é preciso que hoje falemos; uns, constatando o histórico do caso de Barcelona, outros o desmentindo, ensejaram uma polêmica que fará a volta ao mundo e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que hoje a retaguarda da Inquisição praticou o seu último auto-de-fé, porque assim o quisemos.”

São Domingos

Opinião de um Jornalista

SOBRE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Como se sabe, a imprensa não morre de amores por nós, o que não impede o Espiritismo de avançar rapidamente, prova evidente de que é bastante forte para marchar sozinho. Se a imprensa é muda ou hostil, seria erro acreditarmos tenha ele contra

si todos os seus representantes. Muitos, ao contrário, são-lhes muito simpáticos, mas tolhidos por considerações pessoais, porque todos querem dar o exemplo. Neste tempo a opinião pública se pronuncia cada vez mais. A idéia se generaliza e, quando tiver invadido as massas, a imprensa *progressista* será mesmo forçada a segui-la, sob pena de ficar com os que jamais avançam. Fá-lo-á sobretudo quando compreender que o Espiritismo é o mais poderoso elemento de propagação para todas as idéias grandiosas, generosas e humanitárias, que não cessa de pregar; sem dúvida suas palavras não ficam perdidas; mas quantos golpes de picareta não devem ser dados na rocha dos preconceitos antes de a encetar! O Espiritismo lhes abre um terreno fecundo e aplanas as últimas barreiras que lhe detinham a marcha. Eis o que compreenderão os que se derem ao trabalho de estudar a fundo, medir-lhe o alcance e ver suas conseqüências, que já se manifestam por resultados positivos; mas para isto precisamos de observadores sérios e não superficiais, homens que não escrevam por escrever, mas que façam de seus princípios uma religião. Eles serão encontrados, não duvidemos disso; e, mais cedo do que se pensa, ver-se-á à cabeça da propagação das idéias espíritas alguns desses nomes que, por si sós, são autoridades e cuja memória o futuro guardará, como havendo concorrido para a verdadeira emancipação da Humanidade.

O artigo a seguir, publicado pelo *Akhbar*, jornal de Argel, de 15 de outubro de 1861 é, nesse sentido, um primeiro passo, que por certo terá imitadores. Sob o modesto pseudônimo de Ariel, nossos leitores talvez reconheçam a pena exercitada de um dos nossos eminentes jornalistas.

“A imprensa da Europa tem se ocupado bastante com esta obra. Depois de a ter lido, compreende-se o porquê, seja qual for a opinião que se tenha da colaboração das inteligências ultramundanas, que o autor diz ter obtido. Com efeito, suprimindo algumas páginas de introdução que expõem as vias e os meios da

dita colaboração – a parte contestável para os profanos – resta um livro de alta filosofia, de uma moral eminentemente pura e, principalmente, de um efeito muito consolador para a alma humana, assediada entre os sofrimentos do presente e o medo do futuro. Assim, mais de um leitor deve ter dito a si mesmo, ao chegar à última página: Não sei se tudo isto é verdade, mas bem que gostaria que fosse!

“Quem não ouviu falar, desde alguns anos, das estranhas comunicações de que certos privilegiados eram intérpretes entre o nosso mundo material e o mundo invisível? Cada um tomou partido na questão e, como sói acontecer habitualmente, a maioria dos que se colocaram sob a bandeira dos crentes, ou que se entrincheiraram no campo dos incrédulos, não se deu ao trabalho de verificar os fatos, cuja realidade era admitida por uns e negada por outros.

“Mas estes não são assuntos para serem discutidos num jornal da natureza do nosso. Assim, sem contestar nem atestar a autenticidade das assinaturas póstumas de Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Júlio César, Carlos Magno, São Luís, Napoleão, etc., que se acham na parte inferior de vários parágrafos do livro do Sr. Allan Kardec, concluímos que se esses grandes homens voltassem ao mundo para nos dar explicações sobre os problemas mais interessantes da Humanidade, não se exprimiriam com mais lucidez, com um senso moral mais profundo, mais delicado, com maior elevação de vistas e de linguagem do que o fazem na excêntrica obra, da qual tentaremos dar uma idéia. São coisas que não se lêem sem emoção e não são daquelas que logo se esquece depois de as haver lido. Neste sentido, *O Livro dos Espíritos* não passará, como tantos outros, em meio à indiferença do século: terá ardentes detratores, zombadores impiedosos, mas não nos surpreenderíamos se, em compensação, também tivesse partidários sinceros e entusiastas.

“Não podendo, em consciência, por falta de uma verificação prévia, colocar-nos entre uns e outros, ficamos no humilde ofício de relator e dizemos: Lede esta obra, pois ela sai completamente dos atalhos repisados da banalidade contemporânea. Se não estiverdes seduzido, subjugado, talvez vos irriteis, mas, com toda a certeza, nem ficareis frio nem indiferente.

“Recomendamos, sobretudo, a passagem relativa à morte. Eis um tema sobre o qual ninguém gosta de fixar a atenção, mesmo aquele que se julga espírito forte e intrépido. Pois bem! depois de ter lido e meditado, a gente se sente muito admirada por não mais encontrar essa crise suprema tão aterradora; sobre o assunto, chega-se ao ponto mais desejável, aquele em que não tememos nem desejamos a morte. Outros problemas de não menor importância têm soluções igualmente consoladoras e inesperadas. Em suma, o tempo que se consagra à leitura desse livro será bem empregado para a curiosidade intelectual e não será perdido para o melhoramento moral.”

Ariel

O Espiritismo em Bordeaux

Se Lyon fez o que se poderia chamar o seu *pronunciamento* no que respeita ao Espiritismo, Bordeaux não ficou atrás, porque também quer ocupar um dos primeiros lugares na grande família. Pode-se julgar pelo relato que damos da visita que acabamos de fazer aos espíritas dessa cidade, a convite deles mesmos. Não foi em alguns anos, mas em alguns meses, que a doutrina ali tomou proporções grandiosas em todas as classes da sociedade. Para começar, constatamos um fato capital: é que lá, como em Lyon e em muitas outras cidades que visitamos, vimos a doutrina encarada do mais sério ponto de vista e nas suas aplicações morais; ali, como alhures, vimos inumeráveis transformações, verdadeiras

metamorfoses; caracteres que não são mais reconhecíveis; pessoas que em nada acreditavam, trazidas às idéias religiosas pela certeza do porvir, agora palpável para elas. Isto dá a medida do espírito que impera nas reuniões espíritas, já muito multiplicadas. Em todas as que assistimos, constatamos o mais edificante recolhimento, um ar de mútua benevolência entre os assistentes; a gente se sente em meio simpático, que inspira confiança.

Os operários de Bordeaux nada ficam a dever aos de Lyon; ali eles contam numerosos e fervorosos adeptos, cujo número aumenta diariamente. Sentimo-nos feliz em dizer que saímos de suas reuniões edificados pelo piedoso sentimento que as preside e pelo tato com o qual sabem guardar-se contra a intrusão dos Espíritos enganadores. Um fato que constatamos com prazer é que certos homens, muitas vezes em eminente posição social, se misturam aos grupos plebeus com a mais fraterna cordialidade, deixando os títulos à porta, como se fossem simples trabalhadores, acolhidos com igual benevolência nos grupos de uma e outra ordem. Por toda parte o rico e o artesão se apertam as mãos cordialmente. Disseram-nos que essa aproximação das duas extremidades da escala social entrou nos costumes da região e nos felicitamos por isto. Mas reconhecemos que o Espiritismo veio dar a esse estado de coisas uma razão de ser e uma sanção moral, ao mostrar em que consiste a verdadeira fraternidade.

Encontramos em Bordeaux numerosos e excelentes médiuns em todas as classes, de todos os sexos e idades. Muitos escrevem com grande facilidade e obtêm comunicações de elevado alcance, o que, aliás, os Espíritos nos haviam prevenido antes de nossa partida. Além disso, não se pode senão louvá-los pela solicitude com que prestam seu concurso nas reuniões. Mas o que é ainda melhor é a abnegação de todo o amor-próprio a respeito das comunicações; ninguém se julga privilegiado e intérprete *exclusivo* da verdade; ninguém procura impor-se, nem impor os Espíritos que os assistem; todos submetem com simplicidade o que obtêm ao

juízo da assembléa e ninguém se ofende, nem se melindra com a crítica; aquele que recebe falsas comunicações consola-se aproveitando as boas que outras obtêm e dos quais não têm ciúmes. Acontece a mesma coisa em toda parte? Ignoramos. Constatamos o que vimos; constatamos, também, que se compenetraram do princípio de que todo médium orgulhoso, ciumento e susceptível não pode ser assistido por Espíritos bons e que nele essas imperfeições são motivo de suspeita. Longe, pois, de procurar tais médiuns, a despeito da eminência de suas faculdades, porquanto se fossem encontrados seriam repelidos por todos os grupos sérios que, antes de tudo, querem ter comunicações sérias, e não visam os efeitos.

Entre os médiuns que vimos, um há que merece menção especial. É uma moça de dezenove anos que, à faculdade de escrever, reúne a de médium desenhista e músico. Ela anotou *mecanicamente*, sob o ditado de um Espírito, que disse ser Mozart, um trecho de música que este não desautorizaria. Assinou-o, e várias pessoas, que viram os seus autógrafos, atestaram a perfeita identidade da assinatura. Mas o trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho; trata-se de um quadro planetário de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma idéa pela sua descrição. É trabalhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Esse quadro, começado há alguns meses, ainda não está terminado; é destinado pelo Espírito à Sociedade Espírita de Paris. Vimos o médium à obra e tanto ficamos maravilhado com a rapidez, quanto com a precisão do trabalho. Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com mão levantada e de um jacto, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato. Nada podemos dizer ainda quanto ao valor científico do quadro; mas, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho deveras notável. Devendo o original ser enviado a Paris, o Espírito aconselhou que o fotografassem para se tirar várias cópias.

Um fato que devemos mencionar é que o pai da médium é pintor. Como artista achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu de assistir ao trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência.

Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos de acordo com *O Livro dos Espíritos*.

Seria muita presunção de nossa parte relatar os testemunhos de simpatia que recebemos, das atenções e cortesias de que fomos objeto; por certo teriam inflamado o nosso orgulho, se não tivéssemos pensado que era uma homenagem antes tributada à doutrina do que à nossa pessoa. Pelo mesmo motivo tínhamos hesitado em publicar alguns discursos que foram pronunciados e que realmente nos deixaram confuso. Tendo submetido nossos escrúpulos a alguns amigos e a vários membros da Sociedade, foi-nos dito que tais discursos eram uma indicação do estado da doutrina e que, sob esse ponto de vista, era instrutivo que todos os espíritas os conhecessem; que, por outro lado, sendo as palavras a expressão de um sentimento sincero, os que as tinham pronunciado lamentariam que, por excesso de modéstia, nos abstivéssemos de reproduzi-las; poderiam ver nisto indiferença de nossa parte. Foi sobretudo esta última consideração que nos determinou. Esperamos que os leitores nos julguem um espírita assaz bom para não mentir aos princípios que professamos, fazendo deste relato uma questão de amor-próprio.

Uma vez que nos reportamos a esses diversos discursos, não queremos omitir, como traço característico, a pequena alocução que nos foi recitada com graça encantadora e ingênua solicitude por um menino de cinco anos e meio, filho do Sr. Sabò, quando da nossa chegada ao seio dessa família verdadeiramente patriarcal, e sobre a qual o Espiritismo derramou

a mancheias suas benfazejas consolações. Se toda geração que surge estivesse imbuída de tais sentimentos, seria permitido entrever como muito próxima a mudança que deve operar-se nos costumes sociais, mudança que de todos os lados é anunciada pelos Espíritos. Não penseis que aquela criança tenha recitado sua pequena saudação como um papagaio. Não; captou-lhe muito bem o sentido. O Espiritismo, no qual, por assim dizer, foi embalada, já é para a sua jovem inteligência um freio, que compreende perfeitamente e que sua razão, ao se desenvolver, não rechaçará.

Eis o pequeno discurso do nosso jovenzinho Joseph Sabô, que ficaria muito desgostoso se não o publicássemos:

“Sr Allan Kardec, permiti à mais jovem de vossas crianças espíritas vir hoje, dia para sempre gravado em nossos corações, vos exprimir a alegria causada por vossa estada entre nós. Ainda estou na infância; mas meu pai já me ensinou que são os Espíritos que se manifestam a nós; a docilidade com que devemos seguir seus conselhos; as penas e recompensas que lhes estão destinadas. E, em alguns anos, se Deus o julgar conveniente, também quero, sob os vossos auspícios, tornar-me um digno e fervoroso apóstolo do Espiritismo, sempre submisso ao vosso saber e à vossa experiência. Em recompensa por estas breves palavras, ditadas por meu coraçãozinho, conceder-me-íeis um beijo, que não ousa vos pedir?”

Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses

14 DE OUTUBRO DE 1861

DISCURSO DO SR. SABÔ

Senhoras, Senhores,

Rendamos a Deus a sincera homenagem do nosso reconhecimento, por haver lançado sobre nós um olhar paternal e

benevolente, concedendo-nos o precioso favor de receber os ensinamentos dos Espíritos bons que, por sua ordem, vêm diariamente ajudar-nos a discernir a verdade do erro, dar-nos a certeza de uma felicidade futura, mostrar-nos que a punição é proporcional à ofensa, mas não eterna, e fazer-nos compreender esta justa e eqüitativa lei da reencarnação, pedra angular do edifício espírita, que serve para a nossa purificação e para nos fazer progredir em direção ao bem.

Eu disse reencarnação! Mas, para tornar essa palavra mais compreensível, cedemos um instante a palavra a um dos nossos guias espirituais, que se prontificou, para nossa instrução espírita, a desenvolver em algumas palavras este tão grave e interessante assunto para a nossa pobre Humanidade.

Diz ele: “A reencarnação é o inferno; a reencarnação é o purgatório; a reencarnação é a expiação; a reencarnação é o progresso. É, enfim, a santa escada, pela qual devem subir todos os homens; seus degraus são as fases das diversas existências a percorrer para atingir o topo, pois Deus disse: Para chegar a ele é preciso nascer, morrer e renascer até que se tenha alcançado os limites da perfeição, e ninguém chega a Ele sem ter sido purificado pela reencarnação.”

Ainda neófito na ciência espírita, só dispúnhamos do zelo e da boa vontade para divulgá-la. Deus se contentou com isto e abençoou nossos frágeis esforços, fazendo germinar no coração de alguns de nossos irmãos de Bordeaux a semente da palavra divina.

Com efeito, desde o mês de janeiro nos ocupamos da *ciência prática* e vimos ligar-se a nós um certo número de irmãos que dela se ocupavam isoladamente; outros que ouviram falar pela voz da imprensa ou pela fama, essa trombeta retumbante que se encarregou de anunciar, em todos os pontos da nossa cidade, o

aparecimento desta fé consoladora, testemunha irrecusável da bondade de Deus para com os seus filhos.

Não obstante as dificuldades encontradas no caminho, fortalecidos pela pureza e retidão de nossas convicções, sustentados pelos conselhos de nosso amado e venerado chefe Sr. Allan Kardec, tivemos a grata satisfação, após nove meses de apostolado, com o auxílio de alguns dos nossos irmãos, de poder reunir-nos hoje, sob suas vistas, para a inauguração desta Sociedade que, assim o espero, continuará a dar frutos em abundância e se espalhará como orvalho benfazejo sobre os corações dessecados pelo materialismo, endurecidos pelo egoísmo, intumescidos pelo orgulho, e levará o bálsamo da resignação aos aflitos e sofredores, aos pobres e aos deserdados dos bens terrestres, dizendo-lhes: “Confiança e coragem; as provas terrenas são curtas, comparativamente à eterna felicidade que Deus vos reserva, em recompensa de vossas lutas e sofrimento aqui embaixo.”

Sim, confesso em alto e bom som, estou feliz por ser o intérprete de um grande número de membros da Sociedade Espírita de Bordeaux, protestando nossa fidelidade em seguir a rota traçada pelo nosso caro missionário, aqui presente, pois compreendemos que, para ser seguro, o progresso não se faz senão gradativamente, e que, combatendo fortemente certas idéias recebidas há séculos, adiaríamos o momento de nossa emancipação espiritual. É possível que haja entre nós opiniões divergentes a este respeito; nós as respeitamos. Por nós, marchemos pouco a pouco, seguindo esta máxima da sabedoria das nações: *que va piano va sano*⁵². Talvez cheguemos mais tarde, mas chegaremos mais seguros, porque não teremos rompido com a fé de nossos ancestrais, sempre sagrada para nós, seja ela qual for. Sirvamo-nos da luz do Espiritismo, não para abater, mas para nos melhorarmos, para progredirmos. Suportando com coragem e resignação as vicissitudes desta vida, onde estamos de

52 N. do T.: A frase ficará perfeita se substituirmos o vocábulo *que* (francês) por *chi* (italiano).

passagem, mereceremos o favor de sermos conduzidos ao fim de nossas provas, pelos Espíritos do Senhor, para desfrutar da imortalidade para a qual fomos criados.

Permiti, caro mestre, que em nome dos membros desta Sociedade, que vos cercam, eu vos agradeça a honra que lhes destes, vindo pessoalmente inaugurar esta reunião familiar, que é uma festa para todos nós, e que sem dúvida marcará ponto nos fastos do Espiritismo. Recebei, igualmente, neste dia que ficará gravado em nossos corações e de maneira muito particular, a expressão muito sincera do nosso vivo reconhecimento pela bondade paternal com que encorajastes os nossos frágeis trabalhos. Fostes vós que nos traçastes a rota e nos sentimos felizes por vos seguir, previamente convencidos de que vossa missão é fazer marchar o progresso espiritual em nossa bela França, a qual, por sua vez, impulsionará as demais nações da Terra de modo a permitir, pelo progresso intelectual e moral, que elas cheguem pouco a pouco à felicidade.

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPIRITISMO,
LIDAS NA SESSÃO GERAL, QUANDO DA PASSAGEM DO
SR. ALLAN KARDEC EM BORDEAUX.**

Pelo Dr. Bouché de Vitray

(14 de outubro de 1861)

Há certas épocas em que a idéia governa o mundo, precedendo esses grandes cataclismos que transformam os homens e os povos. Tanto ou mais que aquela que preside os interesses temporários, a idéia religiosa também contribui para o grande movimento social.

Absorvida freqüentemente pelas preocupações materiais, ela se desprende de repente, ou insensivelmente. Ora é o raio que escapa das nuvens, ora o vulcão, que mina secretamente a montanha, antes de transpor a cratera. Hoje afeta outro gênero de

manifestação: após se haver mostrado como ponto imperceptível no horizonte do pensamento, acabou por invadir a atmosfera. O ar está impregnado; ela atravessa o espaço, fecunda as inteligências, mantém emocionado o mundo inteiro. E não penseis que me sirvo de metáfora para expressar a realidade. Não; é um fenômeno do qual se tem consciência e que dificilmente a palavra traduz. É como um fluido que nos comprime por todos os lados, é alguma coisa vaga e indeterminada, cuja influência todos sentem, de que o cérebro está impregnado e que dele se desprende freqüentemente como que por intuição, raramente como um pensamento formulado explicitamente. A idéia religiosa – digamos espírita – tem seu lugar no balcão do negociante, no consultório do médico, no gabinete do advogado e do procurador, na oficina do operário, nos campos e nas casernas. O nome do nosso grande, do nosso caro missionário espírita está em todas as bocas, como sua imagem se acha em todos os nossos corações, e todos os olhos estão fixados neste ponto culminante, digno intérprete dos ministros do Senhor. Esta idéia que percorre a imensidade, que superexcita todos os cérebros humanos, que existe mesmo instintivamente nos Espíritos encarnados mais recalcitrantes, não seria obra dessa multidão de inteligências que nos envolvem, precedendo e facilitando os nossos trabalhos apostólicos?

Sabemos que o testemunho da autenticidade de nossa doutrina remonta à noite dos tempos; que os livros sagrados, base fundamental do Cristianismo, as relatam; que vários padres da Igreja, entre os quais Tertuliano e Santo Agostinho, afirmam a sua realidade; até mesmo as obras contemporâneas lhe fazem menção e não posso resistir ao desejo de citar a passagem de um opúsculo publicado em 1843, que parece expor analiticamente toda a quintessência do Espiritismo:

“Algumas pessoas põem em dúvida a existência de inteligências superiores, incorpóreas, isto é, gênios que presidem à administração do mundo, e entretêm um comércio íntimo com

alguns seres privilegiados. É para elas que escrevo as linhas que se seguem, esperando que lhes dêem convicção:

“Em todos os reinos da Natureza existe uma lei que escalona as espécies, desde os infinitamente pequenos até os infinitamente grandes. É por graus imperceptíveis que se passa do inseto ao elefante, dos minúsculos grãos de areia ao maior dos globos celestes. Esta gradação regular é evidente em todas as obras sensíveis do Criador; deve, pois, achar-se nas suas obras-primas, a fim de que a escala seja contínua, para subir até Ele! A distância prodigiosa que existe entre a matéria inerte e o homem dotado de razão parece ser preenchida pelos seres orgânicos, mas privados desta nobre prerrogativa. Na distância infinita entre o homem e seu autor, *encontra-se o lugar dos Espíritos puros*. Sua existência é indispensável para que a Criação seja acabada em todos os sentidos.

“Assim, há também o mundo dos Espíritos, cuja variedade é tão grande quanto o das estrelas que brilham no firmamento; há também o universo das inteligências que, pela sutileza, prontidão e vastidão de sua penetração, se aproximam cada vez mais da Inteligência Soberana. Seu desígnio, já manifesto na organização do mundo visível, continua até a perfeita consumação no mundo invisível. Todas as religiões proclamam a existência desses seres imateriais; todas os representam como se imiscuindo nos assuntos humanos, como agentes secundários. Não admitir a sua intromissão nas peripécias humanas é negar, conseqüentemente, os fatos sobre os quais repousam as crenças de todos os povos, de todos os filósofos e de todos os sábios, remontando até a mais alta Antiguidade.”

Com toda a certeza, aquele que traçou este quadro era espírita nos mais íntimos refolhos da alma. A este esboço incompleto falta o dogma essencial da reencarnação, bem como as conseqüências morais que o ensino dos Espíritos impõe aos adeptos do Espiritismo. A doutrina existia no estado de intuição,

tanto nas inteligências quanto nos corações. Vós aparecestes, senhor, como eleito de Deus; o Todo-Poderoso apoiou-se numa vasta erudição, num Espírito elevado, numa retidão completa e numa mediunidade privilegiada. Todos os elementos das verdades eternas estavam disseminados no espaço; era preciso fixar a ciência, levar a convicção às consciências ainda indecisas e reunir todas as inspirações emanadas do Altíssimo num corpo substancial de doutrina. A obra caminhou e o pólen escapado dessa antera intelectual produziu a fecundação. Vosso nome é a bandeira sob a qual nos colocamos à vontade. Hoje vindes em auxílio destes neófitos do Espiritismo, que ainda não fazem senão balbuciar os rudimentos da ciência, mas que um grande número de Espíritos, atenciosos e benevolentes, não desdenha favorecer em suas celestes inspirações. Já – e nos felicitamos por isto – em meio a este congresso de inteligências dos dois mundos, as paixões más se amotinam em torno da obra regeneradora; já o falso saber, o orgulho, o egoísmo e os interesses humanos se erguem contra o Espiritismo, em testemunho de seu poder, enquanto o grande motor desse progresso ascensional para as regiões celestes – Deus – oculto atrás dessa nuvem de teorias odientas e quiméricas, permanece calmo e prossegue a sua obra.

Realizada a obra, formam-se centros espíritas em todos os pontos do globo. Os moços abandonam as ilusões da primeira idade, que lhes preparam tantas decepções na maturidade; homens maduros aprendem a levar a vida a sério; velhos que gastaram as ilusões no conflito da vida, enchem o vazio imenso com prazeres mais reais que aqueles que os abandonam, e de todos esses elementos heterogêneos formam-se agregados que irradiam ao infinito.

Nossa bela cidade não foi a última a participar desse movimento intelectual. Um desses homens de coração reto, de julgamento são, tomou a iniciativa. Seu apelo foi ouvido por inteligências que se harmonizavam com a sua. Em torno desse foco luminoso gravitava um grande número de círculos espíritas.

De toda parte surgem comunicações variadas trazendo a marca de seu autor: é a mãe que, de sua esfera gloriosa, com a perfeição do detalhe e sua infinita ternura, comunica-se com o filho muito amado; é o pai ou o avô, que alia ao amor paternal a severidade da forma; é Fénelon, que dá à linguagem da caridade o cunho da beleza antiga e a melodia de sua prosa; é o espetáculo tocante de um filho, tornado Espírito bem-aventurado, homenageando aquela que o trouxe ao seio com o eco de seus ilustres ensinamentos; é o de uma mãe que se revela ao filho e que, com a cabeça coroada de estrelas, o conduz, de prova em prova, ao lugar que ele deve ocupar junto dela, no seio de Deus, por todas as eternidades (*sic*); é o arcebispo de Utrecht, soprando ao seu protegido suas eloqüentes inspirações e as submetendo ao freio da ortodoxia; é um anjo Gabriel, comovente homônimo do grande arcanjo, tomando espontaneamente, e com a permissão de Deus, a missão de guiar seu irmão, segui-lo passo a passo, assim aliando, Espírito superior que é, o amor fraternal ao amor divino; são os Espíritos puros, os santos, os arcanjos que revestem suas sublimes instruções com o selo da divindade; são, enfim, manifestações físicas, após as quais a dúvida não passa de um absurdo, para não dizer uma profanação.

Depois de ter elevado os vossos olhares até os degraus superiores da escala dos seres, consenti, caros colegas, em baixá-los aos degraus ínfimos, e os infinitamente pequenos ainda vos fornecerão ensinamentos.

Há uns bons dez anos que as claridades do Espiritismo luziram aos meus olhos; mas era o Espiritismo em estado rudimentar, despido de seus principais documentos e de sua tecnologia característica; era um reflexo, alguns jactos de fina radiação; mas ainda não era a luz.

Em vez de tomar a pena ou o lápis e obter, por esse meio assim simplificado, comunicações rápidas, recorria-se à mesa

pela típtologia ou escrita mediata. A mesa não passava de um apêndice da mão, mas esse modo de comunicação, em geral repugnante para os Espíritos superiores, freqüentemente os mantinha a distância. Assim, só obtive mistificações, respostas triviais ou obscenas; eu mesmo me afastei desses mistérios de além-túmulo, que se traduziam de maneira tão pouco conforme à minha expectativa, ou antes, que se apresentavam sob um aspecto que me assustava. Várias experimentações haviam sido tentadas, conduzindo a resultados análogos.

E, no entanto, essas decepções aparentes mais não eram que provas temporárias, que deviam ter como conseqüência definitiva o aprofundamento de minhas convicções.

Mau grado meu, o positivismo de meus estudos tinha arrefecido as minhas crenças filosóficas; mas eu era céptico e não obstinado; duvidava, para grande pesar meu, e fazia vãos esforços para expulsar o materialismo que, de surpresa, havia invadido minha alma e meu coração. Como são impenetráveis os decretos de Deus! Essa disposição moral serviu precisamente para a minha transformação. Eu tinha sob os olhos a imortalidade da alma, revestindo o aspecto de uma realidade material e, para assentar esta fé tão nova, o que me importava, afinal de contas, se as manifestações viessem de um Espírito superior ou inferior, desde que fosse um Espírito! Eu já não sabia perfeitamente que um corpo inerte, tal qual uma mesa, pode ser instrumento, mas não a causa de uma manifestação inteligente, manifestação que não entrava absolutamente na esfera de minhas idéias, e que todas as teorias fluídicas são impotentes para as explicar?

Assim, eu tinha sacudido essas tendências materialistas, contra as quais lutava sem sucesso, com uma energia desesperada, e teria explorado francamente essas regiões intellectuais, que apenas entrevia, não fosse a demoniofobia do Sr. de Mirville e a profunda impressão que ela havia lançado em minha alma. Como

contrapartida de seu livro, surgiu esse tratado tão luminoso, tão substancial, tão cheio de verdades consoladoras, ditado por inteligências celestes a um Espírito de escol – posto que encarnado – ao qual, desde aquele dia, foi revelada sua missão na Terra.

Hoje, o reconhecimento me obriga a inscrever nesta página o nome de um de meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, advogado distinto e, sobretudo, consciencioso, destinado a representar um papel marcante nos fastos do Espiritismo. Devo esta homenagem passageira ao reconhecimento e à amizade.

Se nesta solenidade eu não temesse abusar do tempo, por certo teria citado numerosas comunicações de incontestável interesse; contudo, em meio a esta atividade puramente intelectual, acima de nossas incessantes relações com o mundo dos Espíritos, soblevam dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro é caracterizado pelos detalhes íntimos e tocantes que nos comoveram até as lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, diz respeito à mediunidade de vidência e constitui uma prova tão palpável que não nos restaria senão negar a boa-fé dos médiuns, caso quiséssemos negar a realidade do fato.

Alguns espíritas fervorosos reúnem-se comigo semanalmente para estudarmos em comum, e com mais proveito, a Doutrina dos Espíritos. Uma fé plena e total, a analogia para a maior parte dos estudos e da educação, fizeram brotar uma recíproca simpatia e uma comunhão de idéias e de pensamentos; disposição intelectual e moral, sem sombra de dúvida a mais favorável às comunicações sérias.

Nessa modesta reunião, um de nós, dotado de elevado grau de mediunidade, quis evocar o Espírito de uma garota que havia conhecido, vitimada pelo crupe, ao que suponho, aos seis

anos de idade. Ele fazia o papel de médium e eu o de evocador. Mal terminara a evocação, uma percussão muito sensível num dos móveis da sala de espera excitou a nossa atenção e nos levou a averiguar se esse ruído insólito provinha de uma causa natural ou resultava de um fato espírita. São – responderam os guias – as companheiras de Estelle (era o nome da criança durante a sua vida terrena), que vêm à frente de sua amiguinha. E, pelo pensamento, seguimos esse gracioso cortejo a planar no espaço! Entre elas designaram-nos Antônia, jovem que mal passara pela Terra e apenas completara sua quarta primavera quando tombou sob os golpes de uma foice assassina. Prevendo que elas iam concluir suas provas em uma nova existência, roguei ao meu anjo-da-guarda, essa boa mãe, cuja ternura jamais me faltou, que as tomasse sob os seus cuidados e lhes mostrasse claramente a sua celeste protetora. A adesão não se fez esperar; mas Deus só lhe permitiu aparecer a uma delas, e ela escolheu Antônia: “Que vês, minha amiguinha?”, exclamei evocando esta última. – “Oh, a bela senhora! Está resplandecente de luzes! – “E que te diz essa bela senhora?” – Ela me diz: “Vem a mim, minha filha, eu te amo!” Por isso retratei aquela terna mãe com a cabeça coroada de estrelas.

Se esta comovente historieta, pertencente ao mundo espírita, só se vos assemelha a um capítulo de novela, então há que renunciar a toda comunicação.

O outro fato pode resumir-se em duas palavras: Eu estava com um dos meus colegas espíritas; a noite nos surpreendera em meio a preces a Deus pelos Espíritos sofredores, quando vislumbrei, vagamente, uma sombra saindo de um canto do meu consultório e descrevendo uma linha diagonal, que se prolongou até a minha cama, situada na peça vizinha. Ao terminar seu percurso, ouvimos um estalido muito distinto e a sombra se dirigiu para a biblioteca, formando um ângulo agudo com a primeira direção.

Fui tomado pela emoção; mas, numa hora daquelas – onze e meia da noite – bastante propícia às emoções e ao mistério, julguei a princípio que se tratasse de alucinação, de ilusão de óptica, e tomei a íntima resolução de guardar silêncio quanto a essa fantástica aparição; foi quando o meu companheiro de constantes estudos voltou-se para mim e perguntou-me se nada vira. Eu estava perturbado; esperei um pouco para me refazer e limitei-me a indagar os motivos da pergunta. Então ele me descreveu o estranho fenômeno, que igualmente testemunhara, com tamanha exatidão que me foi impossível duvidar ou deixar de confirmar a realidade da aparição.

Dois dias depois, nosso médium por excelência estava presente. Consultados, os guias confirmaram a verdade, acrescentando que aquela aparição espontânea era a de um Espírito, conhecido na vida terrena sob o nome de Maria de los Ângeles. Foi-nos permitido evocá-la e o resultado de nossas perguntas foi que havia nascido na Espanha; tinha tomado o hábito; por muito tempo sua vida estivera isenta de censuras, mas uma falta grave, à qual a morte não deixou tempo para a expiação, era a causa de seus sofrimentos no mundo dos Espíritos.

Alguns dias depois o acaso, ou antes, a vontade de Deus, nos permitiu um segundo controle desse estranho fenômeno. Um espírita, jovem mecânico, de inteligência extraordinária, tinha passado comigo a última parte da noite. Enquanto me entretinha com ele, notei que seu olhar tomava singular imobilidade. Ele não esperou a pergunta para explicar a circunstância: “No mesmo instante em que me olháveis, vi distintamente a silhueta de uma mulher que, da janela, avançou até a poltrona vizinha, diante da qual ajoelhou-se. Tinha o aspecto de uma pessoa de vinte e cinco anos; estava vestida de negro; uma espécie de xale recobria a parte superior do busto; tinha à cabeça algo parecido com um lenço ou uma touca.”

A descrição concordava perfeitamente com a idéia que eu fizera da religiosa espanhola, e o lugar em que ela se prosternou é mais ou menos aquele onde, ajoelhado como ela, faço habitualmente as minhas orações pelos mortos. Para mim era Maria dos Anjos.

Certamente, os incrédulos e os falsos espíritas sorrirão de minha certeza, e no fato narrado verão três visionários, em vez de um. Quanto aos espíritas sinceros, estes acreditarão em mim, principalmente quando o afirmo sob palavra de honra. A ninguém reconheço o direito de pôr em dúvida semelhante testemunho.

Os trabalhos do Espiritismo em Bordeaux, por maiores sejam a modéstia e a reserva, nem por isso deixam de ser objeto da curiosidade pública, não se passando um dia em que eu não seja interrogado a respeito. Todo profano, toda criatura maravilhada com os fenômenos espíritas reclama com insistência o favor de uma experiência; sua alma flutua entre a própria dúvida e a convicção dos adeptos.

Introduzi-o numa reunião séria, numa assembléia de espíritas que supomos profundamente recolhidos, isto é, trazendo uma disposição conveniente à gravidade da situação. Que se passará nele? Transcrevendo para o papel as inspirações de um Espírito superior, o médium escrevente fará que as aceite como tais? Passei por uma experiência desagradável: se a comunicação tiver o cunho da inspiração celeste, ele atribuirá o mérito ao talento do médium; se o pensamento do mensageiro de Deus tomar a coloração do meio onde passa, certamente lhe parecerá de concepção inteiramente humana. Nesta circunstância, eis a minha regra de conduta: Ela é previamente traçada pelo homem da Providência, por esse missionário do pensamento, que possuímos momentaneamente e que, de seu centro habitual de atividade, continuará a fazer irradiar sobre nós os tesouros celestes, de que uma graça especial o fez dispensador. Aos curiosos que vêm

inquirir da realidade dos fatos ou solicitar uma audiência, quer como distração, quer como uma emoção que atravessa o coração sem se deter, limito-me a expor a gravidade do assunto; ao Espírito encarnado pseudo-sábio, que me retrata perfeitamente neste globo o da 8ª classe e da 3ª ordem do mundo espírita, respondo com evasivas; mas àquele que, embora obcecado pela dúvida, possui a verdade em estado de germe, começando pela boa-fé para chegar à fé, aconselho os estudos teóricos, aos quais não tarda a suceder o estudo prático ou a experimentação. Assim, à medida que um fato novo se desprende de uma idéia nova, ele o registra ao lado do fato; então a ciência espírita é infundida gota a gota no coração e no cérebro, com suas conseqüências morais, fazendo-nos ver, ao cabo desta longa sucessão de reveses, trabalhos e provas se alternando nas duas existências, uma eternidade radiosa que se escoia do seio de Deus, fonte de felicidade e de vida!

Bouché de Vitray, médico

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras e Senhores,

Foi com felicidade que atendi ao vosso apelo, e o simpático acolhimento com que sou recebido é uma dessas satisfações morais que deixam no coração uma impressão profunda e indestrutível. Se me sinto feliz com esta cordial recepção, é que nela vejo uma homenagem prestada à doutrina que professamos e aos Espíritos bons que no-la ensinam, muito mais que a mim pessoalmente, que não passo de um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta doutrina, e do bem que ela está chamada a produzir, tratei de lhe coordenar os elementos; esforcei-me por torná-la clara e inteligível para todos. É tudo quanto me cabe e, assim, jamais me considerei seu criador: a honra pertence inteiramente aos Espíritos. É, pois, somente a eles que se devem dirigir os testemunhos de vossa gratidão, e não aceito os

elogios que me dirigis senão como um estímulo para continuar minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos que tenho feito para alcançar o objetivo a que me propunha, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, como eles próprios já me disseram várias vezes, mas sem o menor sinal exterior de mediunidade. Assim, não sou médium, no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é uma felicidade que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, eu só teria escrito sob uma mesma influência; teria sido levado a não aceitar como verdade senão o que me tivesse sido dado, e talvez injustamente, ao passo que, na minha posição, convinha que eu desfrutasse de uma liberdade absoluta para captar o bom, onde quer que se encontrasse e de onde viesse. Foi possível, assim, fazer uma seleção dos diversos ensinamentos, sem prevenção e com total imparcialidade. Vi muito, estudei muito e observei bastante, mas sempre com o olhar impassível; nada ambiciono, senão ver a experiência que adquiri posta em proveito dos outros. É por eles que me sinto feliz, por poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

Se trabalhei muito e se trabalho todos os dias, estou largamente recompensado pela marcha tão rápida da doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo quanto seria permitido esperar, pelos resultados morais que ela produz. Sinto-me feliz por ver que a cidade de Bordeaux não apenas não fica na retaguarda deste movimento, mas se dispõe a marchar na vanguarda, pelo número e pela qualidade dos adeptos. Se se considerar que o Espiritismo deve a sua propagação às suas próprias forças, sem contar com o apoio de nenhum dos meios auxiliares que, em geral, fazem tanto sucesso, e malgrado os esforços de uma oposição sistemática ou, antes, em virtude mesmo desses esforços, não podemos deixar de ver nisto o dedo de Deus. Se seus inimigos, embora poderosos, não lhe puderam paralisar o avanço, forçoso é convir que o Espiritismo é mais poderoso que eles e, tal como a serpente da fábula, em vão empregam os dentes contra uma lima de aço.

Se dissermos que o segredo de seu poder está na vontade de Deus, os que não crêem em Deus escarnecerão. Há também pessoas que não negam a Deus, mas se julgam mais fortes que Ele; esses não riem: opõem barreiras, que imaginam intransponíveis e, contudo, o Espiritismo as ultrapassa todos os dias e sob suas vistas. É que, efetivamente, ele tira da sua natureza, de sua própria essência, uma força irresistível. Qual, então, o segredo dessa força? Teremos que a ocultar, receando que, uma vez conhecida e a exemplo de Sansão, seus inimigos aproveitem para derrubá-lo? De modo algum. No Espiritismo não há mistérios; tudo se faz às claras; podemos revelá-lo sem temor, altivamente. Embora já o tenha dito, talvez não seja fora de propósito repeti-lo aqui, a fim de que se saiba que se entregamos aos adversários o segredo de nossas forças é porque também lhes conhecemos o lado fraco.

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é tornar felizes os que o conhecem, o compreendem e o praticam. Ora, como há pessoas infelizes, ele recruta um exército inumerável entre os que sofrem. Querem lhe tirar esse elemento de propagação? Que tornem os homens de tal modo felizes, moral e materialmente, que nada mais tenham a desejar, nem neste, nem no outro mundo. Não pedimos mais, desde que o objetivo seja atingido. A segunda é que o Espiritismo não se assenta na cabeça de nenhum homem, sujeitando-se, assim, a ser derrubado; não tem um foco único, que possa ser extinto; seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem comunicar-se com os Espíritos; não há família que não os possua em seu seio e que não realizem estas palavras do Cristo: *Vossos filhos e filhas profetizarão, e terão visões*; porque, enfim, o Espiritismo é uma idéia e não há barreiras impenetráveis à idéia, nem bastante altas que estas não possam transpor. Mataram o Cristo, mataram seus apóstolos e discípulos. Mas o Cristo tinha lançado ao mundo a idéia cristã, e esta idéia triunfou da perseguição dos Césares onipotentes. Por que, então, o Espiritismo, que não é

senão o desenvolvimento e a aplicação da idéa cristã, não triunfaria de alguns zombeteiros e de antagonistas que, até o presente, malgrado seus esforços, só lhe puderam opor uma negação estéril? Haveria nisto uma pretensão quimérica? Um sonho de reformador? Aí estão os fatos para responder: o Espiritismo penetra em toda parte, a despeito de tudo e contra tudo; como o pólen fecundante das flores, é levado pelos ventos e finca raízes nos quatro cantos do mundo, porque em todo lugar encontra uma terra fecunda em sofrimentos, sobre a qual derrama o bálsamo consolador. Suponde, então, o estado mais absoluto que a imaginação possa sonhar, recrutando toda a gente de seus esbirros para deter a idéa ao passar: poderão impedir que os Espíritos entrem nela e se manifestem espontaneamente? Impedirão que os médiuns se formem na intimidade das famílias? Suponhamo-la bastante forte para impedir de escrever, para proibir a leitura dos livros; poderão impedir de ouvir, desde que há médiuns auditivos? Impedirão o pai de receber consolações do filho que perdeu? Vedes, pois, que é impossível, e que eu tinha razão em dizer que o Espiritismo pode, sem receio, entregar aos inimigos o segredo de suas forças.

Seja, dirão. Quando uma coisa é inevitável, é preciso aceitá-la. Mas se for uma idéa falsa ou má, não se tem razão para lhe opor obstáculos? Primeiramente, seria preciso provar que é falsa. Ora, até o presente o que opõem os seus adversários? Zombarias e negações que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos. Mas uma refutação séria, sólida; uma demonstração categórica, evidente, onde a encontrareis? Em parte alguma; nem nas críticas da Ciência, nem alhures. Por outro lado, quando uma idéa se propaga com a rapidez do relâmpago; quando encontra inumeráveis ecos nas classes mais esclarecidas da sociedade; quando tem suas raízes em todos os povos, desde que há homens na Terra; quando os maiores filósofos sagrados e profanos a proclamaram, é ilógico supor que não repouse senão na mentira e na ilusão. Todo homem sensato, que a paixão ou o interesse pessoal não cegaram, dirá que deve haver algo de verdadeiro; no mínimo o homem sensato suspenderá o seu julgamento antes de negar.

A idéia é má? Se é verdadeira, se não passa de uma aplicação das leis da Natureza, parece difícil que possa ser má, a menos que se admita que Deus fez mal aquilo que fez. Como seria má uma doutrina que torna melhores os que a praticam; consola os aflitos; dá resignação na infelicidade; restabelece a paz nas famílias; acalma a efervescência das paixões e impede o suicídio? Dizem alguns que ela é contrária à religião. Eis a grande palavra com que tentam amedrontar os tímidos e os que não a conhecem. Como uma doutrina que torna melhor, que ensina a moral evangélica, que só prega a caridade, o esquecimento das ofensas, a submissão à vontade de Deus seria contrária à religião? Seria um contra-senso. Afirmar semelhante coisa é atacar a própria religião. Eis por que digo que não a conhecem os que assim falam. Se tal fosse o resultado, por que conduziria ela às idéias religiosas os que em nada crêem? Por que faria orar aqueles que haviam esquecido de o fazer desde a infância?

Aliás, há outra resposta, igualmente peremptória: o Espiritismo é estranho a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; aos que só crêem no nada, prova a vida eterna; aos que julgam que Deus não se ocupa das ações dos homens, prova as penas e recompensas futuras; destruindo o materialismo, destrói a maior chaga da sociedade. Eis o seu objetivo. Quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, deixando a cada um inteira liberdade. O materialismo é o maior inimigo da religião; trazendo-o ao espiritualismo, o Espiritismo lhe faz marchar três quartas parte do caminho para voltar ao seio da Igreja. Cabe à Igreja fazer o resto. Mas se a comunhão para a qual ele tenderia a se ligar o repele, seria de temer que se voltasse para uma outra.

Dizendo isto, senhores, ensino padre-nosso a vigário, pois já o sabeis tanto quanto eu. Mas há outro ponto, sobre o qual é útil dizer algumas palavras.

Se os inimigos externos nada podem contra o Espiritismo, o mesmo não acontece com os de dentro. Refiro-me

aos que são mais espíritas de nome que de fato, sem falar dos que do Espiritismo apenas têm a máscara. O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas conseqüências morais que triunfará, pois aí está a sua força, por aí é invulnerável. Ele inscreve em sua bandeira: *Amor e caridade*; e diante desse paládio, mais poderoso que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. Que se pode opor a uma doutrina que leva os homens a se amarem como irmãos? Se não se admitir a causa, pelo menos se respeitará o efeito. Ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é fazer sua aplicação a si mesmo; é mostrar aos inimigos da doutrina, pelo próprio exemplo, que ela realmente torna melhor. Mas como fazer crer que um instrumento possa produzir harmonia se emite sons discordantes? Do mesmo modo, como persuadir que o Espiritismo deve conduzir à concórdia, se os que o professam, ou supostamente o praticam – o que para os adversários dá no mesmo – se atiram pedras? Se basta uma simples susceptibilidade do amor-próprio para os dividir? Não é o meio de rejeitar seu próprio argumento? Os mais perigosos inimigos do Espiritismo são, pois, os que o fazem mentir a si mesmos, não praticando a lei que proclamam. Seria pueril criar dissidência pelas nuances de opinião; haveria evidente malevolência, esquecimento do primeiro dever do verdadeiro espírita, em separar-se por uma questão pessoal, porquanto o sentimento de personalidade é fruto do orgulho e do egoísmo.

Não devemos esquecer, senhores, que os inimigos do Espiritismo são de duas ordens: de um lado, tendes os zombadores e os incrédulos. Estes recebem diariamente o desmentido pelos fatos; não os temeis e tendes razão. Sem o querer, servem à nossa causa e, por isso, lhes devemos agradecer. Do outro lado estão as pessoas interessadas em combater a doutrina; não espereis trazê-las pela persuasão, pois não buscam a luz. Em vão exibireis aos seus olhos a evidência do sol: são cegos porque não querem ver. Não vos atacam porque estejais no erro, mas porque estais com a verdade e, com ou sem razão, crêem que o Espiritismo seja

prejudicial aos seus interesses materiais. Se estivessem convencidos de que é uma quimera, o deixariam em paz. Assim, sua fúria cresce na razão do progresso da doutrina, de tal sorte que se pode medir sua importância pela violência dos ataques. Enquanto não viram no Espiritismo senão uma brincadeira de mesas girantes, nada disseram, confiando tratar-se de um capricho da moda; mas, hoje, que a despeito de sua má vontade, vêem a insuficiência da zombaria, empregam outros meios. Sejam estes quais forem, já demonstramos a sua impotência. Contudo, se não podem abafar essa voz que se eleva em todas as partes do mundo; se não podem deter essa torrente que os invade por todos os lados, tudo farão para criar entraves e, se puderem fazer recuar o progresso por um só dia, dirão ainda que é um dia ganho.

Esperai, portanto, que o terreno seja disputado palmo a palmo, pois o interesse material é, de todos, o mais tenaz; para ele, os mais sagrados direitos da Humanidade nada são; tendes a prova na luta americana. Pereça a união que fazia nossa glória, antes que os nossos interesses!, dizem os escravagistas. Assim falam os adversários do Espiritismo, pois a questão humanitária é a menor de suas preocupações. Que lhes opor? Uma bandeira que os faça empalidecer, pois sabem que ela traz palavras saídas da boca do Cristo: *Amor e caridade*, e que estas palavras são a sua sentença. Em torno desta bandeira, que todos os verdadeiros espíritas se congreguem, e serão fortes, porquanto a união faz a força. Reconhecei, pois, os verdadeiros defensores de vossa causa, não pelas palavras vãs, que nada custam, mas pela prática da lei de amor e caridade, pela abnegação da personalidade; o melhor soldado não é o que ergue o sabre mais alto, mas o que sacrifica corajosamente a própria vida. Encarai, pois, como fazendo causa comum com vossos inimigos todos os que tendem a lançar entre vós o fermento da discórdia, porque, voluntária ou involuntariamente, fornecem armas contra vós. Em todo o caso, não conteis mais com eles do que com esses maus soldados, que fogem ao primeiro tiro de fuzil.

Mas – perguntareis – se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da doutrina, como reconhecer de que lado está a verdade? É a coisa mais fácil. Primeiro, tendes por peso o vosso julgamento e por medida a lógica, sã e inflexível. Depois, tereis o assentimento da maioria, porque, acreditai bem, o número crescente ou decrescente dos partidários de uma idéia dá a medida de seu valor; se ela é falsa, não conquistará mais voto que a verdade: Deus não o permitiria; Ele pode deixar o erro à vista aqui e ali, para nos mostrar suas características e nos ensinar a reconhecê-lo. Sem isto, onde estaria o nosso mérito, se não tivéssemos escolha a fazer? Quereis um outro critério da verdade? Eis um, infalível. Desde que a divisa do Espiritismo é *Amor e caridade*, reconheceréis a verdade pela prática desta máxima, e tereis como certo que aquele que atira a pedra em outro não pode estar com a verdade absoluta. Quanto a mim, senhores, ouvistes a minha profissão de fé. Se – que Deus não o permita! – surgissem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente dos que desertassem da bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos, não poderiam ser encarados como verdadeiros espíritas.

Aconteça o que acontecer, não vos inquieteis absolutamente com algumas dissidências passageiras; logo tereis a prova de que elas não têm conseqüências graves. São testes para a vossa fé e para o vosso julgamento; muitas vezes, também, são meios permitidos por Deus e pelos Espíritos bons para dar a medida da sinceridade e tornar conhecidos aqueles com os quais realmente podemos contar, caso necessário, evitando, assim, que os coloquemos em evidência. São pequenas pedras semeadas em vosso caminho, a fim de vos habituar a ver em que vos apoiáis.

Resta-me falar ainda, senhores, da organização da Sociedade. Desde que quereis pedir-me conselho, dir-vos-ei o que disse o ano passado em Lyon. Os mesmos motivos me levam a vos dissuadir, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma Sociedade única, abrangendo todos os espíritas da cidade, o que seria de todo impraticável, em razão do número crescente dos

adeptos. Não tardaríeis a serdes paralisados pelos obstáculos materiais e pelas dificuldades morais, ainda maiores, que vos mostrariam a sua impossibilidade. É preferível, pois, não empreenderdes uma coisa a que seríeis obrigados a renunciar. Todas as considerações em apoio a esta opinião estão completamente desenvolvidas na nova edição de *O Livro dos Médiuns*, à qual convido a vos reportardes. Não acrescentarei senão algumas palavras.

O que é difícil de se obter numa reunião numerosa é bem mais fácil de conseguir nos grupos particulares. Estes se formam por afinidade de gostos, de sentimentos e de hábitos. Dois grupos separados podem ter uma diferente maneira de ver sobre alguns detalhes e nem por isso deixam de marchar de acordo, ao passo que se estivessem reunidos, as divergências de opiniões trariam inevitáveis perturbações.

O sistema da multiplicação dos grupos ainda tem como resultado interromper bruscamente as rivalidades de supremacia e de direção. Cada grupo, naturalmente, é presidido pelo dono da casa ou pelo que for designado, e tudo se passa em família. Se a alta direção do Espiritismo, numa cidade, pertence a alguém, este será convocado pela força das coisas, e um consentimento tácito o designará muito naturalmente, em virtude de seu mérito pessoal, de suas qualidades conciliadoras, do zelo e do devotamento de que tiver dado provas, dos reais serviços que houver prestado à causa. Desse modo, terá adquirido, sem a buscar, uma força moral que ninguém pensará em lhe contestar, porque todos a reconhecerão, ao passo que aquele que, por sua autoridade privada, procurasse impor-se, ou fosse conduzido por uma camarilha, encontraria oposição da parte de todos quantos não lhe reconhecessem as qualidades morais necessárias. Daí uma causa inevitável de divisões.

É uma coisa séria confiar a alguém a suprema direção da doutrina. Antes de o fazer, é preciso estar bem seguro desse indivíduo sob todos os pontos de vista, porque, com idéias

errôneas, poderia arrastar a Sociedade por uma ladeira deplorável e, talvez, à sua ruína. Nos grupos particulares, cada um pode dar prova de habilidade e ser designado, mais tarde, pelos sufrágios dos colegas, se for o caso. Mas ninguém pode pretender ser general antes de ser soldado. Assim como reconhecemos o bom general por sua coragem e por seus talentos, o verdadeiro espírita é reconhecido por suas qualidades. Ora, a primeira de que deve dar provas é a abnegação da personalidade; é, pois, por seus atos que o reconhecemos, mais que pelas palavras. O que é necessário para uma tal direção é um verdadeiro espírita, e o espírita verdadeiro não se deixa mover pela ambição, nem pelo amor-próprio. A respeito, senhores, chamo a vossa atenção para as diversas categorias de espíritas, cujos caracteres distintivos estão claramente definidos em *O Livro dos Médiuns* (nº 28).

Quanto ao mais, seja qual for a natureza da reunião, numerosa ou não, as condições que deve satisfazer para atingir o seu objetivo são as mesmas. É para isto que devemos concentrar todos os nossos cuidados e os que os satisfazerem serão fortes, porque terão, necessariamente, o apoio dos Espíritos bons. Tais condições estão traçadas em *O Livro dos Médiuns* (nº 341).

Um erro muito freqüente entre alguns neófitos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. Como sabeis, o Espiritismo é uma ciência imensa, cuja experiência não pode ser adquirida senão com o tempo, como, aliás, em todas as coisas. Há nessa pretensão de não mais necessitar de conselhos e de se julgar acima de todos uma prova de incompetência, pois não atende a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os Espíritos maléficos encontram semelhantes disposições num indivíduo, não deixam de o superexcitar e de o entreter, persuadindo-o de que só ele possui a verdade. É um dos escolhos que podem ser encontrados, e contra o qual julguei dever vos prevenir, acrescentando que não basta dizer-se espírita, como não basta dizer-se cristão: é preciso prová-lo pela prática.

Se, pela formação dos grupos, evitamos a rivalidade dos indivíduos, essa rivalidade não poderia existir entre os próprios grupos que, marchando por vias um pouco divergentes, poderiam produzir cismas, enquanto uma Sociedade única manteria a unidade de princípios? A isto respondo que o inconveniente assinalado não seria evitado, considerando-se que aqueles que não adotassem os princípios da Sociedade dela se separariam e nada os impediria de formarem um grupo à parte. Os grupos são outras tantas pequenas Sociedades, que marcharão necessariamente no mesmo caminho se todas adotarem a mesma bandeira e as bases da ciência, consagradas pela experiência. A respeito, chamo igualmente a vossa atenção para o nº 348 de *O Livro dos Médiuns*. Nada impede, aliás, que um grupo central seja formado por delegados dos diversos grupos particulares, que, assim, teriam um ponto de reunião e um correspondente direto com a Sociedade de Paris. Depois, anualmente, uma assembléia geral poderia reunir todos os adeptos e tornar-se, assim, uma verdadeira festa do Espiritismo. Aliás, preparei uma instrução detalhada sobre esses diversos pontos, que terei a honra de vos transmitir posteriormente, tanto sobre a organização, quanto sobre a ordem dos trabalhos. Os que a seguirem manter-se-ão naturalmente na unidade de princípios.

Tais são, senhores, os conselhos que julguei por bem vos dar, já que vos quisestes conformar com a minha opinião. Sinto-me feliz por acrescentar que em Bordeaux encontrei elementos excelentes e um progresso muito maior do que esperava. Aqui me deparei com um grande número de espíritas sinceros e verdadeiros e levo da visita a fundada esperança de que a doutrina se desenvolverá sobre as mais largas bases e em excelentes condições. Crede que meu concurso jamais faltará, naquilo que estiver ao meu alcance fazer, para secundar os esforços dos que são sincera e conscienciosamente devotados de coração a esta nobre causa, que é a da Humanidade.

Senhores, o Espírito Erasto, que já conheceis pelas notáveis dissertações que dele lestes, também quer trazer-vos o tributo de seus conselhos. Antes de minha partida de Paris, ele ditou, por seu médium habitual, a comunicação seguinte, cuja leitura terei a honra de fazer.

**PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS ESPÍRITAS DE BORDEAUX,
POR ERASTO, HUMILDE SERVO DE DEUS**

Que a paz do Senhor esteja convosco, meus bons amigos, a fim de que nada venha perturbar a boa harmonia que deve reinar num centro de espíritas sinceros! Sei quão profunda é a vossa fé em Deus e quanto sois fervorosos adeptos da nova revelação. Eis por que vos digo, com toda a efusão de minha ternura, que todos nós ficaríamos desolados – nós que somos, sob a direção do *Espírito de Verdade*, os iniciadores do Espiritismo na França – se a concórdia, de que até hoje destes provas brilhantes, viesse a desaparecer do vosso meio; se não tivésseis dado o exemplo de uma sólida fraternidade; se, enfim, não fôsseis um centro sério e importante da grande comunhão espírita francesa, eu teria deixado esta questão na sombra. Mas se a levantei é que tenho razões plausíveis para vos convidar a manter a união, a paz e a unidade de doutrina entre os vossos diversos grupos. Sim, meus caros discípulos, aproveito diligentemente esta ocasião, que nós mesmos preparamos, para vos mostrar quanto seria funesta ao desenvolvimento do Espiritismo e que escândalo causaria entre vossos irmãos de outras terras a notícia de uma cisão no centro que nos encantou mencionar até agora, por seu Espírito de fraternidade, a todos os outros grupos, formados ou em formação. Não ignoro, como não deveis ignorar, que recorrerão a todos os meios para semear a divisão entre vós; que vos armarão ciladas; que semearão emboscadas de toda sorte em vosso caminho; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar a divisão e levar a uma ruptura, sob todos os aspectos lamentável. Mas podereis evitar tudo isto, praticando os sublimes preceitos da lei de amor e de caridade, em primeiro lugar diante de vós próprios e, a seguir,

diante de todos. Não; estou convencido de que não dareis aos inimigos de nossa santa causa a satisfação de dizer: “Vede esses espíritos de Bordeaux, que nos mostravam como marchando na vanguarda dos novos crentes. Nem sequer sabem estar de acordo entre si!” Eis, meus caros amigos, onde vos esperam e onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: Tereis de lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infelizes que se acham imbuídos do espírito do século, mas, ainda e principalmente, contra a turba dos Espíritos enganadores que, encontrando em vosso meio uma rara reunião de médiuns, pois a tal respeito sois os mais favorecidos, logo virão assaltar-vos: uns, com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a algumas tiradas piedosas, insinuarão a heresia ou algum princípio subversivo; outros, com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade. Ah! crede-me, não temais desmascarar os velhacos que, novos Tartufos, se introduziriam entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente impiedosos para com os lobos devoradores, que se ocultariam sob peles de cordeiro. Com a ajuda de Deus, que jamais invocais em vão, e com a assistência dos Espíritos bons que vos protegem, ficareis inquebrantáveis em vossa fé; os Espíritos maus vos acharão invulneráveis e, quando virem suas flechas tornar-se menos afiadas contra o amor e a caridade que vos animam o coração, retirar-se-ão confusos de uma campanha onde não terão colhido senão a impotência e a vergonha. Encarando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e às prescrições gerais do Decálogo, que se resumem nesta concisa lei: *Amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos*, ficareis invariavelmente unidos. Aliás, em tudo é preciso saber submeter-se à lei comum: a ninguém cabe subtrair-se ou querer impor sua opinião e seu sentimento, quando estes não forem aceitos pelos outros membros de uma mesma família espírita; e nisto eu vos convido encarecidamente a vos modelardes pelos usos e regulamentos da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, onde

ninguém, seja qual for a sua posição, idade, serviços prestados ou autoridade adquirida, pode substituir, por sua iniciativa pessoal, a da Sociedade de que faz parte e, *a fortiori*, engajá-la no que quer que seja, por expedientes que ela não aprovou. Dito isto, é incontestável que os adeptos de um mesmo grupo devem ter uma justa deferência para com a sabedoria e a experiência adquiridas. A experiência não é atributo do mais velho, nem do mais sábio, mas do que se ocupou com mais tempo e com mais proveito para todos, de nossa consoladora filosofia. Quanto à sabedoria, cabe a vós examinar aqueles que, entre vós, seguem e praticam melhor os preceitos e as leis. Entretanto, meus amigos, antes de seguir vossas próprias inspirações, não esqueçais de que tendes os vossos conselhos e vossos consultores etéreos a consultar, e estes jamais vos faltarão, quando solicitardes com fervor e com um objetivo de interesse geral. Para isso, necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes, no meio dos quais não tendes senão que escolher. Por certo sei perfeitamente que a Sra. e a Srta. Cazemajoux e alguns outros possuem qualidades mediúnicas no mais alto grau e nenhuma região, eu vo-lo repito aqui, é mais bem favorecida a esse respeito do que Bordeaux.

Eu tive de vos fazer ouvir uma voz um tanto mais severa, meus bem-amados, quanto o Espírito de Verdade, mestre de todos nós, mais espera de vós. Lembrai-vos de que fazeis parte da vanguarda espírita e que, assim como o estado-maior, a vanguarda deve a todos o exemplo de uma submissão absoluta à disciplina estabelecida. Ah! vossa tarefa não é fácil, pois é a vós que incumbe o trabalho de levar, com mão vigorosa, o machado às sombrias florestas do materialismo e perseguir até as suas últimas trincheiras os interesses materiais coligados. Novos Jasons, marchai à conquista do verdadeiro toso de ouro, isto é, dessas idéias novas e fecundas que devem regenerar o mundo; mas, então, já não marchais no vosso próprio interesse, nem mesmo no interesse da geração atual, mas sobretudo no interesse das gerações futuras, para as quais preparais os caminhos. Há nesta obra um

sinal de abnegação e de grandeza que ferirá de admiração e de reconhecimento os séculos futuros, de que Deus, crede-me, saberá vos levar em conta. Tive de falar como falei porque me dirijo a criaturas que escutam a razão; a homens que perseguem seriamente um fim eminentemente útil: a melhoria e a emancipação da raça humana; enfim, a espíritas que ensinam e pregam pelo exemplo, que o melhor meio para lá chegar está na prática das verdadeiras virtudes cristãs. Tive de vos falar assim porque era preciso vos prevenir contra um perigo, que era meu dever assinalar; venho cumpri-lo. Assim, agora, posso encarar o futuro sem inquietação, porque estou convencido de que minhas palavras aproveitarão a todos e a cada um; e que o egoísmo, o amor-próprio e a vaidade não terão, doravante, nenhum poder sobre corações onde, sem qualquer limite, reine a verdadeira fraternidade.

Vós vos lembrareis, espíritas de Bordeaux, que a vossa união é o verdadeiro encaminhamento para a união e a fraternidade universal. A esse respeito sinto-me feliz, muito feliz, de poder constatar claramente que o Espiritismo vos fez dar um passo à frente. Recebi, pois, nossos cumprimentos, pois aqui falo em nome de todos os Espíritos que presidem à grande obra da regeneração humana, por terdes, por vossa iniciativa, aberto um novo campo de exploração e uma nova causa de certeza aos estudos dos fenômenos de além-túmulo, por vosso pedido de filiação, não mais como indivíduos isolados, mas como grupo compacto, à Sociedade iniciadora de Paris. Pela importância dessa iniciativa, reconheço a alta sabedoria de vossos guias principais e agradeço ao meigo Fénelon e seus fiéis auxiliares Georges e Marius, que com ele presidem às vossas piedosas reuniões de estudo. Aproveito esta circunstância para igualmente dar um testemunho brilhante aos Espíritos Ferdinand e Félicia, que todos conheceis. Embora esses dignos colaboradores tenham apenas feito o bem pelo bem, é bom que saibais que é a esses modestos pioneiros, secundados pelo humilde Marcelin, que nossa santa doutrina deve ter prosperado tão rapidamente em Bordeaux e no sudoeste da França.

Sim, meus crentes fiéis, vossa admirável iniciativa será seguida, bem o sei, por todos os grupos espíritas formados com seriedade. É, pois, um passo imenso à frente. Compreendestes, e todos os vossos irmãos compreenderão como vós, que vantagens, que progressos, que propaganda resultarão da adoção de um programa uniforme para os trabalhos e estudos da doutrina que vos revelamos. Fique bem entendido, apesar disso, que cada grupo conservará sua originalidade e sua iniciativa particular; mas, fora de seus trabalhos particulares, terá de se ocupar com diversas questões de interesse geral, submetidas a seu exame pela Sociedade central, e resolver várias dificuldades cuja solução, até hoje, não pôde ser obtida dos Espíritos, por razões que seria inútil desenvolver aqui. Recearia vos ofender se ressaltasse aos vossos olhos as conseqüências que advirão dos trabalhos simultâneos; quem ousará, então, contestar uma verdade, quando esta for confirmada pela unanimidade ou pela maioria das respostas mediúnicas, obtidas simultaneamente em Lyon, Bordeaux, Constantinopla, Metz, Bruxelas, Sens, México, Carlsruhe, Marselha, Toulouse, Mâcon, Sétif, Argel, Oran, Cracóvia, Moscou, São Petersburgo, como em Paris?

Eu vos entretive com a rude franqueza de que me sirvo para falar aos vossos irmãos de Paris. No entanto, não vos deixarei sem testemunhar minhas simpatias, justamente conquistadas, a esta família patriarcal, onde excelentes Espíritos, incumbidos de vossa direção espiritual, começaram a fazer ouvir suas eloqüentes palavras. Mencionei a família *Sabò*, que, com uma constância e uma piedade inalterável, soube atravessar as dolorosas provas com que Deus a afligiu, com o fito de a elevar e torná-la apta para a sua missão atual. Também não devo esquecer o concurso devotado de todos quantos, em suas respectivas esferas, contribuíram para a propagação de nossa consoladora doutrina. Continuai todos, meus amigos, a marchar resolutamente no caminho aberto; ele vos conduzirá seguramente às esferas etéreas da perfeita felicidade,

onde vos marcarei encontro. Em nome do *Espírito de Verdade*, que vos ama, eu vos abençôo, espíritas de Bordeaux!

Erasto

Banquete Oferecido a Allan Kardec pelos Espíritas Bordeleses

DISCURSO E BRINDE DO SR. LACOSTE, NEGOCIANTE

Senhores,

Rogo principalmente à juventude, que me ouve, a bondade de prestar atenção às poucas palavras de fraterna afeição, escritas especialmente para ela. A falta de experiência, a conformidade de nossas idades, e a comunhão de nossas idéias me asseguram a sua indulgência.

Nenhum de nós, senhores, acolheu com indiferença a revelação desta santa doutrina, cujos elementos novos foram recolhidos por nosso venerado mestre num livro sábio. Em tempo algum campo mais vasto foi aberto às nossas imaginações; jamais horizonte mais grandioso foi desvendado às nossas inteligências. É com o ardor da mocidade, é sem olhar para trás que nos tornamos adeptos da fé no futuro e pioneiros da civilização futura. Não permita Deus que eu venha proferir palavras de desânimo! Vossas crenças me são muito conhecidas, senhores, e as sei muito sólidas para crer que a zombaria ou o falso raciocínio de alguns adversários as venham abalar. A juventude é rica em privilégios, fácil às nobres emoções e ardente no empreendimento; possui ainda o entusiasmo da fé, essa alavanca moral que levanta os mundos. Mas se sua imaginação a empurra além dos obstáculos, ela lhe faz muitas vezes ultrapassar o objetivo. É contra esses desvios que vos exorto a vos acautelardes. Entregues a vós mesmos, atraídos pelo encanto da novidade, levantando a cada passo a ponta do véu que vos ocultava

o desconhecido, quase que tocando o dedo na solução do eterno problema das causas primeiras, guardai-vos de vos deixar inebriar pelas alegrias do triunfo. Poucos caminhos estão isentos de precipícios; a maior confiança segue sempre caminhos fáceis, e nada é mais difícil de obter dos jovens soldados, como das inteligências jovens, do que a moderação na vitória. Aí está o mal que temo para vós, como receio para mim.

Felizmente o remédio está perto do mal. Há entre nós, aqui reunidos, alguns que, à maturidade da idade e do talento, aliam a feliz vantagem de terem sido, em nossa cidade, propagadores esclarecidos do ensino espírita. É a esses Espíritos mais calmos e mais refletidos que deveis submeter a direção dos vossos estudos e, graças a essa deferência de todos os dias, graças a essa subordinação moral, ser-vos-á dado trazer à construção do edifício comum uma pedra que não oscilará.

Saibamos, pois, senhores, vencer as questões pueris do amor-próprio. Nossa parte à nossa juventude, não é tão bela? Efetivamente, a nós pertence o futuro; a nós que poderemos assistir, cheios de vida e de fé, quando nossos pais em Espiritismo reviverem num mundo melhor, à esplêndida radiação desta verdade, da qual eles não terão entrevisto na Terra senão a misteriosa aurora.

Deixai-me, pois, esperar, senhores, que possais dizer comigo, e do fundo do coração:

A todos os nossos decanos de idade; a todos os que, conhecidos ou não, sob a casaca do rico ou o avental do operário, fizeram-se adeptos e propagadores da Doutrina Espírita, em Bordeaux! À prosperidade da Sociedade Espírita de Paris, dessa Sociedade que empunha tão alto e com tanta firmeza o estandarte sob o qual aspiramos a nos colocar! Que o Sr. Allan Kardec, nosso mestre comum, receba por nossos irmãos de Paris o penhor de uma profunda simpatia; que ele lhes diga que os nossos jovens

corações batem em uníssono e que, embora com passo menos seguro, nem por isso deixamos de concorrer para a regeneração universal, estimulados por seus exemplos e sucessos!

BRINDE DO SR. SABÔ

Mais uma vez, senhores, os Espíritos querem nos assegurar de que podemos conquistar a sua simpatia unindo os seus aos nossos desejos para a prosperidade desta santa doutrina, que é a sua obra. O Espírito Ferdinand, um de nossos guias protetores, ditou espontaneamente o seguinte ensinamento, que me deixa feliz em vo-lo transmitir:

“A grande família espírita, da qual fazeis parte, vê aumentar diariamente o número de seus filhos e, em breve, não haverá mais em vossa bela pátria, nem cidades, nem povoados onde não se tenha estabelecido a tenda dos membros desta tribo abençoada por Deus.

“Já nos seria impossível assinalar os numerosos centros que gravitam em torno do foco luminoso cuja sede é Paris, porque os centros das grandes cidades só por nós são conhecidos. Entre estes se distingue, pelo saber, inteligência e união fraternal, a Sociedade dos Espíritas de Metz; está destinada a dar frutos em abundância e, se buscardes com eles estabelecer relações amigáveis, baseadas numa estima recíproca, encheis de doce alegria o coração paternal de vosso chefe aqui presente.

“O eminente Espírito Erasto vos disse ontem: Sede unidos; a união faz a força. Envidai, pois, todos os esforços para o conseguir, a fim de que, em pouco tempo, todos os centros espíritas franceses, unidos entre si pelos laços da fraternidade, possam marchar a passos de gigante pela via traçada.”

Ferdinand

Guia Espiritual do médium

Finalmente, e como fiel intérprete dos sentimentos expressos por esse Espírito bom, proponho um brinde aos nossos irmãos de Metz, em particular, e a todos os espíritas franceses, em geral.

Senhores,

Convencido de que as calorosas palavras, pronunciadas ontem em vosso meio pelo nosso honrado chefe espírita, não caíram sobre pedras e espinheiros, mas nos vossos corações, agora dispostos a apertar os laços da fraternidade, venho propor um brinde aos nossos irmãos espíritas de Lyon. Eles começaram suas tarefas antes de nós e, para se organizarem, tiveram de passar pelas mesmas dificuldades que outrora tanto nos fizeram sofrer. Mas, graças ao impulso que o nosso bem-amado chefe lhes proporcionou no ano passado, deram um passo imenso na estrada abençoada em que os Espíritos bons estão fazendo entrar a Humanidade. Imitemo-los, senhores. Que uma louvável emulação una aos de Bordeaux os espíritas de Lyon, a fim de que a comunhão de pensamentos e sentimentos, de que todos estiverem animados, deles faça dizer: bordeleses e lioneses são irmãos.

Proponho um brinde à união dos irmãos de Bordeaux e Lyon.

DISCURSO DO SR. DESQUEYROUX, MECÂNICO

Em nome do grupo de operários

Senhor Allan Kardec, nosso caro mestre,

Em nome de todos os operários espíritas de Bordeaux, meus amigos e irmãos, permito-me erguer um brinde à vossa prosperidade. Embora já chegado a uma alta perfeição, que Deus vos faça crescer ainda nos bons sentimentos que vos têm animado até hoje e, sobretudo, vos faça crescer aos olhos do Universo e no coração dos que, seguindo vossa doutrina, se aproximam de Deus.

Nós, que somos do número dos que a professam, vos bendizemos do fundo do coração e rogamos ao nosso Criador para que vos deixe ainda muito tempo entre nós, a fim de que, quando vossa missão estiver terminada, já estejamos bastante firmes na fé para nos conduzirmos sozinhos, sem nos afastar do bom caminho.

Para nós é uma felicidade inefável ter nascido numa época em que podemos ser esclarecidos pelo Espiritismo. Mas não basta conhecer e desfrutar essa felicidade; com a doutrina, contraímos compromissos que consistem em quatro deveres diferentes: dever de submissão, que nos faça ouvir com docilidade; dever de afeição, que nos faça amar com ternura; dever de zelo, para atender seus interesses com ardor; dever de prática, que nos faça honrá-la por nossas obras.

Estamos no seio do Espiritismo e o Espiritismo é para nós uma firme consolação em nossas penas. Não podemos negar que há momentos na vida em que a razão talvez pudesse nos sustentar, mas outros há em que se tem necessidade de toda fé que dá o Espiritismo, para não sucumbir. Em vão os filósofos vêm pregar uma firmeza estóica, enunciar suas pomposas máximas, dizer-nos que nada os perturba, que o homem é feito para se possuir a si mesmo e dominar os acontecimentos da vida. Tristes consolações! Longe de suavizar a dor, eles a tornam mais amarga; em todas as suas palavras só encontramos o vazio e a esterilidade. Mas o Espiritismo nos vem em socorro, provando que nossa própria aflição pode contribuir para a nossa felicidade.

Sim, caro mestre, continuai vossa augusta missão. Continuai a nos mostrar esta ciência, que vos é ditada pela bondade divina, nosso consolo durante a vida e pensamento inabalável que nos sustentará por ocasião da morte.

Recebei, caro mestre, estas poucas palavras, brotadas do coração de vossos filhos, porquanto sois o pai de todos nós; pai

da classe laboriosa e dos aflitos. Como bem o sabeis, progresso e sofrimento marcham juntos; mas, quando o desespero oprimia os nossos corações, viestes trazer-nos força e coragem. Sim, ao nos mostrardes o Espiritismo, dissestes: “Irmãos, coragem! Suportai corajosamente as provas que vos são enviadas, e Deus vos bendirá”. Sabei, pois, que somos apóstolos devotados e que neste século, como nos que se seguirão, vosso nome será abençoado pelos nossos filhos e pelos nossos amigos operários.

DISCURSO E BRINDE DO SR. ALLAN KARDEC

Meus caros irmãos no Espiritismo,

Faltam-me expressões para externar o que sinto por vossa acolhida tão simpática e benevolente. Permitti-me, pois, dizer em algumas palavras e não em longas frases, que não acrescentariam mais, que incluirei minha primeira estada em Bordeaux entre os mais felizes momentos de minha vida, e dela guardarei eterna lembrança. Mas também não esquecerei, senhores, que esta acolhida me impõe uma grande responsabilidade – a de justificá-la – o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons. Além disso, ela me impõe grandes obrigações, não só para convosco, mas ainda para com os espíritas de todos os países, dos quais sois representantes como membros da grande família; para com o Espiritismo em geral, que acabais de aclamar nestas duas reuniões solenes e que, não tendes dúvida, colherá no entusiasmo de vossa importante cidade uma força nova para lutar contra os obstáculos que quererão lançar em vosso caminho.

Em minha alocução de ontem, falei de sua força irresistível, de que sois a prova evidente. Não é um fato característico a inauguração de uma sociedade espírita que, como a vossa, se inicia pela reunião espontânea de quase trezentas pessoas, atraídas, não por uma vã curiosidade, mas pela convicção e pelo só desejo de se agrupar num único feixe? Sim, senhores, este fato não

somente é característico, como providencial. Eis, a respeito, o que ainda ontem me dizia, antes da sessão, o Espírito de Verdade – meu guia espiritual:

“Deus marcou com o selo de sua imutável vontade a hora da regeneração dos filhos desta grande cidade. À obra, pois, com confiança e coragem. Esta noite os destinos de seus habitantes vão começar a sair da rotina das paixões, que sua riqueza e seu luxo faziam germinar, como o joio em meio ao trigo, para alcançar, pelo progresso moral que lhe vai imprimir o Espiritismo, a altura dos destinos eternos. Como vês, Bordeaux é uma cidade amada pelos Espíritos, pois multiplica intramuros, sob todas as formas, as mais sublimes devoções da caridade. Por isso eles estavam aflitos por vê-la na retaguarda do movimento progressivo que o Espiritismo vem impor à Humanidade. Mas os progressos hão de ser tão rápidos que os Espíritos bendirão o Senhor por te haver inspirado o desejo de vir ajudá-los a entrar nesta via sagrada.”

Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e bem temerário seria quem o quisesse deter, porquanto seria abatido como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus. Assim, não temais a oposição de alguns adversários interessados, que se pavoneiam na sua incredulidade materialista. O materialismo vê chegada a sua última hora, e é o Espiritismo que vem anunciá-la, por ser a aurora que dissipa as trevas da noite. E, coisa providencial, o próprio materialismo, sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo, porque, por seus ataques, chama a si a atenção dos indiferentes. Querem ver o que é; como o encontram bem, adotam-no. Tendes a prova disto aos vossos olhos: sem os artigos de um dos jornais da vossa cidade, os espíritas bordeleses talvez não passassem da metade do que hoje são. Tal artigo naturalmente despertou a curiosidade. Como se diz geralmente, onde há fumaça há fogo; mediram a importância do fogo pela extensão do artigo. Perguntaram: É bom? É mau? É verdadeiro? É falso? Vejamos para crer. Viram, e sabeis o resultado.

Longe, pois, de atacar o autor do artigo, devemos agradecer-lhe pela propaganda gratuita; e, caso esteja aqui algum de seus amigos, pedimos a este que o aconselhe a recomençar, a fim de que, se ontem éramos trezentos, sejamos seiscentos no próximo ano. Sobre isto eu vos poderia citar fatos curiosos de propaganda semelhante, feita em certas cidades, por sermões furibundos contra o Espiritismo.

Como Lyon, Bordeaux vem, pois, plantar orgulhosamente a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me garante que não será arrancada. Bordeaux e Lyon! Duas das maiores cidades da França; focos de luz! E ainda dizem que todos os espíritas são loucos! Honra aos loucos desta espécie! Não esqueçamos Metz, que também acaba de fundar sua sociedade, onde figuram em grande número oficiais de todos os graus, e que reclama sua admissão na grande família. Espero que em breve Toulouse, Marselha e outras cidades, onde já fermenta a nova semente, se juntem às suas irmãs mais velhas, dando o sinal da regeneração em suas respectivas regiões.

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, levanto um brinde aos espíritas de Bordeaux; à sua união fraterna para resistir ao inimigo que os queria dividir, a fim de ter mais facilmente razão.

A este brinde associo, do imo do meu coração, e com a mais viva simpatia, o Grupo Espírita dos operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão admirável exemplo de zelo, devotamento, abnegação e reforma moral. Estou feliz, muito feliz, vos asseguro, de ver vossos delegados reunidos fraternamente nesta mesa, com a elite da sociedade, provando, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais. Não poderia ser de outro modo, quando ele nos ensina que o mais alto colocado no mundo pode ter sido humilde proletário e que, ao apertar a mão do último serviçal, talvez aperte a de um irmão, de um pai ou de um amigo.

Em nome dos espíritas de Metz e de Lyon, dos quais me faço intérprete, eu vos agradeço por os terdes compreendido na expressão de vossos sentimentos fraternos.

Aos espíritas bordeleses!

Senhores, os espíritas não devem ser ingratos. Creio ser dever de reconhecimento não esquecer os que, mesmo sem o querer, servem à nossa causa. Assim, proponho um brinde ao autor do artigo do *Courrier de la Gironde*, pelo serviço que nos prestou, fazendo votos para que ele repita, de vez em quando, seus espirituosos artigos. E, se Deus quiser, logo ele será o único homem sensato de Bordeaux.

Poesias do Momento, Ditadas Pelo Sr. Dombre (de Marmande), Vindo a Bordeaux Para Esta Solenidade

OS CAMPONESES E O CARVALHO

FÁBULA

Ao Sr. Allan Kardec

*Os abusos têm campeões ocultos mais perigosos
que os adversários declarados, e a prova disto é a
dificuldade que se tem de os arrancar.*

Allan Kardec (O que é o Espiritismo)

Um dia honestos camponeses
De pé ante um carvalho enorme, fronde imensa,
O mensuravam muitas vezes.
– É em vão, um deles diz, que tal semente intensa
Germinem em sulcos tais virados e adubados.

Não cresce nada; adubo e seiva consumados
São pela ramaria, essa espessa folhagem.
Fazer gostos assim é bem triste bobagem.
Esta árvore deixar que torne pobre o chão,
Que nos consuma o suor e esterilize o grão.
Irmãos, se me quiserdes crer
Nós livraremos nosso campo
Da incômoda presença... e isso... num tranco!
À obra! Gritam com prazer.
Estavam todos muito ardentes;
Uma corda é amarrada em cima no carvalho,
Formando uma cadeia em forte galho
Cujos anéis uniam-se potentes.
A folhagem treme e farfalha,
Mas é tudo... Eles vão se agitar, se estafar
A fim da tortuosa e robusta ramalha,
Que enfim não se deixa abalar.
Alguém sensato da região,
Um bom velho lhes diz ao passar: Meus meninos,
A vossa messe é perdida, então,
Dos ramos em proveito e desses grãos franzinos,
Destruí-os... é bom... Posso entender;
Mas a árvore abater coisa fácil não é;
Para dobrar tal carvalho
Em força é fraco o vosso braço;
A idade enrija o corpo e não se faz render.
Fazei menos ruidoso o assalto e mais terrível
A esse colosso vigoroso;
Séculos já se vão por seu cascão nodoso;
Empregai dias a miná-lo, isso é possível.
Descobri-lhe a raiz, sugadora, felina
E levareis a morte ao ramalhal confuso.
Não podendo de um golpe extinguir um abuso
Busca em seu fundamento a oportuna ruína.

O OURIÇO, O COELHO E A PEGA

FÁBULA

Aos membros da Sociedade Espírita de Bordeaux

A caridade, meus amigos, é feita de muitas
maneiras: podeis fazer a caridade por pensamentos,
palavras e obras...

(O Espírito protetor da Sociedade Espírita de Lyon – *Revista Espírita* de
10 de outubro de 1861).

Um pobre ouriço ao ser posto fora da toca,
Rolava pelo campo em meio aos espinheiros,
De algum petiz aos golpes mais certos,
Que em sangue o abandona e quase que o sufoca.
Ele eriça, tremendo, a armadura espinhenta,
Espicha-se, lançando em volta oculo olhar,
E sem perigo já, lamenta
Numa voz débil, a chorar:
Para onde vou?... Fugir?... Voltar ao velho abrigo
Acima está do meu querer.
Já nem posso prever qual o perigo
Pior que me ameaça... É forçoso morrer?...
Preciso de um refúgio e um pouco de repouso
Para sarar minhas feridas;
Mas, aonde achar quaisquer guaridas?
Quem de meus males é piedoso?
Num coelho que habitava entre lascas de rocha
E para quem a caridade,
Não sendo um termo vão, sensível desabrocha
E lhe diz – Meu amigo, aceitai a metade
De meu modesto abrigo; estou bem nesse asilo,
Nele estareis seguro; é difícil, já vi,
De achar o vosso rastro, com maldade.
Podeis aqui estar tranqüilo:
Atenção junto a mim sempre tereis, ali.
Ante essa oferta tão graciosa,
O ouriço segue a passo lento,
Quando uma pega obsequiosa,
Faz um sinal ao coelho: – Esperai um momento,
Eu peço... uma palavra... é um breve caso...

E depois ao ouriço: – É um pequeno segredo...
 Perdoai-me, quando nada pelo atraso!
 E o bom coelho, todo quedo,
 – As orelhas a erguer pede a ela fale baixo.
 Como! Levardes vós a casa uma tal gente!...
 Sede prudente mais no trato com os de baixo!
 Nunca eu faria tal tolice tão patente!
 Eu... Mas não receais de vos arrepender?
 Uma vez com saúde e forças redobradas,
 Quem sabe sejais vós o primeiro a sofrer
 Com o seu mau coração e as farpas aceradas;
 E a que meios, então, tereis a recorrer?
 O coelho respondeu: – Nenhuma inquietação
 Não nos deve afastar de impulsos benfeitores;
 Vale bem mais expor-se a uma ingratidão,
 Do que faltar aos sofredores!

C. Dombre

Bibliografia

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Segunda edição⁵³

A primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, publicada no início do ano, esgotou-se em poucos meses, o que vem a ser um dos traços mais característicos do progresso das idéias espíritas. Nós mesmos pudemos constatar, em nossas excursões, a influência salutar que esta obra exerceu sobre a direção dos estudos espíritas práticos; assim, as decepções e mistificações são muito menos numerosas do que outrora, porque ela ensinou os meios de frustrar as artimanhas dos Espíritos enganadores. Esta segunda edição é muito mais completa que a precedente; encerra numerosas e importantes instruções e vários capítulos novos. Toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à identidade dos

53 1 vol. in-12, preço 3 fr. 50 c.; pelo Correio, 4 fr.

Espíritos, à obsessão, às questões que podem ser dirigidas aos Espíritos, às contradições, aos meios de discernir os Espíritos bons dos maus, à formação de reuniões espíritas, às fraudes em matéria de Espiritismo, recebeu notáveis desenvolvimentos, frutos da experiência. No capítulo das dissertações espíritas adicionamos várias comunicações *apócrifas*, acompanhadas de observações pertinentes, de modo a facultar os meios de descobrir o embuste dos Espíritos enganadores, que se apresentam com falsos nomes.

Devemos acrescentar que os Espíritos reviram a obra inteiramente e trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que é obra deles, tanto quanto nossa.

Recomendamos com insistência esta nova edição, como o guia mais completo, seja para os médiuns, seja para os simples observadores. Podemos afirmar que, seguindo-a pontualmente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos, contra os quais se vão chocar principiantes inexperientes. Depois de a ter lido e meditado atentamente, os que forem enganados ou mistificados certamente não poderão culpar-se senão deles mesmos, porque tiveram todos os meios para se esclarecerem.

O ESPIRITISMO OU ESPIRITUALISMO EM METZ

Primeira série das publicações da Sociedade Espírita de Metz⁵⁴

Em nosso último número anunciamos esta publicação apenas de memória, propondo-nos a voltar à matéria. Lemo-la com atenção e só podemos felicitar a Sociedade dos espíritas de Metz por seus resultados. Ela conta em seu seio um grande número de homens esclarecidos que, esperamos, saberão mantê-la em guarda contra as ciladas dos Espíritos maus, que não deixarão de tentar desviá-la do bom caminho em que se colocou.

54 Brochura in-8; preço 1 fr. Em Paris: *Didier & Cia.*, Quai des Augustins, 35; *Ledoyen*, Palais-Royal, galeria d'Orléans, 31. Em Metz: *Verronais*, rue des Jardins, 14; *Warrion*, rue du Palais, 8.

Esta publicação não é periódica; a Sociedade de Metz tem o propósito de fazer outras semelhantes de vez em quando, em datas indeterminadas, e nelas inserir as melhores comunicações que tiver obtido. Esse método tem a vantagem de não obrigar a assunção de nenhum compromisso com assinantes, aos quais se deve servir apesar de tudo, e porque os gastos são sempre proporcionais.

Todas as comunicações contidas nesta primeira brochura trazem um sinete eminentemente sério e uma moralidade irrepreensível. Nada notamos que não fosse o que se poderia chamar de ortodoxo, do ponto de vista da Ciência e de acordo com o ensino de *O Livro dos Espíritos*. Se os senhores espíritas de Metz nos permitem um conselho, nós os estimularíamos a que continuem guardando, em suas publicações subseqüentes, a prudente reserva que notamos nesta; que se convençam de que as publicações intempestivas podem ser mais prejudiciais que úteis à propagação do Espiritismo. Contamos com a sabedoria e a sagacidade dos que as dirigem, para não cederem ao entusiasmo de adeptos mais zelosos que sensatos; que se lembrem bem desta máxima: *Não adianta correr; tudo tem sua hora.*

As duas comunicações seguintes, extraídas deste primeiro número, podem dar uma idéia do espírito no qual são feitas.

O FLUIDO UNIVERSAL

(29 de setembro de 1860)

O fluido universal liga entre si todos os mundos; e, conforme os movimentos que lhe são impressos pela vontade do Criador, origina todos os fenômenos da Criação. Ele é a própria vida, ligando as diferentes matérias de nosso globo; é ele que, por propriedades subordinadas a leis, regula as diferentes coisas tão misteriosas para vós, as afinidades físicas e morais; é ele que vos faz

ver o passado, o presente e o futuro, principalmente quando a matéria que obstrui vossa alma é anulada ou enfraquecida por uma causa qualquer; então essa dupla vista (embora menos desenvolvida do que após a morte), vê, sente e toca tudo, nesse meio fluídico que é o seu elemento e o reflexo exato do que foi, é e será; porque somente as partes mais grosseiras desse fluido estão sujeitas a modificações sensíveis de composição.

Henry, antigo magnetizador

EFEITOS DA PRECE

(15 de outubro de 1860)

A prece é uma aspiração sublime, à qual Deus concedeu um poder tão mágico que os Espíritos a reclamam para si constantemente. Suave orvalho, é um refrigério para o pobre exilado na Terra e um arranjo (*sic*) frutuoso para a alma em prova. A prece age diretamente sobre o Espírito a quem é dirigida; não transforma espinhos em rosas, mas modifica sua vida de sofrimentos; não tem poder sobre a vontade imutável de Deus, mas imprime esse impulso de vontade que levanta a sua coragem, ao dar-lhe força para lutar contra as provas e as dominar. Por esse meio é abreviado o caminho que conduz a Deus e, como efeito maravilhoso, nada pode ser comparado à prece.

Aquele que blasfema contra a prece não passa de Espírito inferior, de tal modo terreno e atrasado que nem mesmo compreende que deve se agarrar a essa tábua de salvação para se salvar.

Orar: palavra descida do céu, é a gota de orvalho no cálice de uma flor, é o sustentáculo do caniço durante a tormenta, é a tábua do pobre náufrago durante a tempestade, é o abrigo do mendigo e do órfão, é o berço para a criança dormir. Emanação divina, a prece nos liga a Deus pela linguagem, fazendo-o

interessar-se por nós; orar a Ele é amá-lo; suplicar-lhe por um irmão é um ato de amor dos mais meritórios. Vinda do coração, a prece contém a chave dos tesouros da graça; é o ecônomo que dispensa benefícios em nome da infinita misericórdia. A alma, elevada para Deus por um desses impulsos sublimes da prece, despreendida de seu envoltório grosseiro, apresenta-se cheia de confiança diante dEle, segura de obter o que pede com humildade. Orai, oh! orai! fazei um reservatório de vossas santas aspirações, que será despejado no dia da justiça. Preparai o celeiro da abundância, tão precioso durante a escassez; escondi o tesouro de vossas preces até o dia escolhido por Deus para distribuir o rico depósito. Acumulai para vós e para os vossos irmãos, o que diminuirá as vossas angústias e vos fará transpor mais rapidamente o espaço que vos separa de Deus. Refleti em vossa miserável natureza, contai vossas decepções, vossos perigos, sondei o abismo tão profundo aonde vos podem arrastar as paixões, olhai em torno de vós os que caem e sentireis a imperiosa necessidade de recorrer à prece. A oração é a âncora de salvação que impedirá a destruição do vosso navio, tão agitado pelas desordens do mundo.

Teu Espírito familiar

O ESPIRITISMO NA AMÉRICA

Fragmentos traduzidos do inglês pela Srta. Clémence Guérin⁵⁵

O Espiritismo conta na América homens eminentes que, desde o princípio, lhe avaliaram o alcance e nele viram algo mais do que simples manifestações. Nesse número está o juiz *Edmonds*, de Nova Iorque, cujos escritos sobre esse importante assunto são bastante apreciados, mas muito pouco conhecidos na Europa, onde ainda não foram traduzidos. Devemos ser gratos à Srta. Guérin por nos dar uma idéia deles através de alguns fragmentos publicados em sua brochura. Apenas lamentamos não

55 Brochura grande in-18, preço 1 fr. Dentu, Palais Royal, galeria d'Orléans.

tenha ela acabado sua obra por uma tradução completa. Ela junta alguns extratos não menos notáveis do Dr. *Hare*, de Filadélfia, que, também ele, teve a ousadia de ser um dos primeiros a afirmar sua fé nas novas revelações.

A Srta. Guérin, que residiu muito tempo na América, onde viu se produzirem e se desenvolverem as primeiras manifestações, é uma dessas espíritas sinceras, conscienciosas, que tudo julgam com calma, sangue-frio e sem entusiasmo. Temos a honra de conhecê-la pessoalmente e nos sentimos felizes por lhe dar aqui um testemunho merecido de nossa profunda estima. Pelo seguinte trecho de sua introdução, pode-se ver que nossa opinião é justamente motivada.

“Como os americanos, temos a Fé profunda, a esperança radiosa de que esta doutrina, tão eminentemente baseada na caridade – não esmola, mas amor – seja bem aquela que deve regenerar e pacificar o mundo. Jamais a solidariedade fraternal foi demonstrada de maneira mais clara, nem de modo mais sedutor. Vindo consolar-nos, ajudar-nos, instruir-nos, indicar-nos, enfim, o melhor uso a ser feito de nossas faculdades, tendo em vista o futuro, os Espíritos são de tal modo desinteressados que o homem não os pode ouvir muito tempo sem experimentar o desejo de os imitar, sem procurar ao seu redor alguém para participar dos benefícios que lhe dispensaram tão generosamente. Ele o faz com tanto mais boa vontade quanto compreende que seu próprio progresso tem esse preço e que, no grande livro de Deus, não são levados a seu favor senão os atos praticados em vista do bem-estar material ou moral de seus irmãos. O que os Espíritos fazem com sucesso neste momento foi tentado muitas vezes na Terra por nobres corações, por almas corajosas, que foram e ainda são desconhecidos e ridicularizados. Suspeitam de seu devotamento e não é senão quando desaparecem que têm chance de ser julgados com imparcialidade. Eis por que Deus lhes permite continuar a obra após aquilo a que chamamos morte.

“Não é o caso de repetir com Davis: Nada temais, irmãos; sendo mortal, o erro não pode viver; sendo imortal, a verdade não pode morrer!”

Clémence Guérin

A passagem seguinte, do juiz *Edmonds*, mostrará com que precisão ele entrevira as conseqüências do Espiritismo. Não se deve esquecer que escrevia em 1854, época em que o Espiritismo na América, como na Europa, ainda era novo.

“Falsas ou verdadeiras, outros julgarão as minhas deduções. Meu objetivo será atingido se, falando do efeito produzido em meu espírito por essas revelações, eu tiver feito brotar em alguns o desejo de também pesquisar e assim levar novas luzes ao estudo desses fenômenos. Até aqui, os mais impetuosos adversários, os que, na sua indignação, gritam contra a impostura, são também os mais obstinados na sua recusa de nada ver ou ouvir sobre isto, os mais decididos a permanecer na completa ignorância da natureza dos fatos. Homens com reputação de saber, se não de ciência, não temem comprometê-la dando explicações que não satisfazem a ninguém, baseadas em observações superficiais, feitas com tal leviandade que faria corar um estudante.

“Entretanto, não é uma coisa indiferente esse novo poder inerente ao homem (*connected with man*), e que, sem a menor dúvida, terá sobre o seu destino uma influência considerável, para o bem ou para o mal.

“E já podemos ver que, desde a origem, apenas há cinco anos, a idéia espiritualista se propagou com uma rapidez que a igreja cristã não havia igualado em cem anos. Ela não procura os lugares isolados, não se envolve em mistérios, mas vem abertamente aos homens, provocando minucioso exame de sua parte, não exigindo uma fé cega, mas recomendando, em todas as circunstâncias, o exercício da razão e da livre apreciação.

“Vimos que as zombarias dos filósofos não conseguiram desviar um só crente; que os sarcasmos da imprensa, os anátemas do púlpito são igualmente impotentes para deter o progresso e, sobretudo, já podemos constatar sua influência moralizadora. O *verdadeiro* crente torna-se sempre mais prudente e melhor (*a wiser and a better man*), porque lhe foi demonstrado que a sobrevivência do homem após a morte do corpo está positivamente provada. Todos quantos, seriamente e com sinceridade, conduziram suas investigações sobre o assunto, tiveram suas provas irrefutáveis. Como poderia ser de outro modo? Eis uma inteligência que nos fala todos os dias; é um amigo. (Em geral os americanos começam conversando com parentes ou amigos). Ele prova a sua identidade por mil circunstâncias que não podem deixar a menor dúvida, pelas numerosas recordações que só ele pode conhecer. Fala-nos das conseqüências da vida terrena e nos pinta a vida futura em cores tão racionais que nós *sentimos* que diz a verdade, tanto se conforma com a idéia íntima que fazíamos da Divindade e dos deveres que ela nos impõe.

“A morte não nos separa daqueles a quem amamos. Muitas vezes eles estão junto de nós, ajudam-nos e nos consolam pela esperança de uma reunião *certa*. Quantas vezes os vi para mim e para os outros! Quantas pessoas desoladas vi acalmadas pela doce certeza de que o ser querido, ‘trazido pelos laços do amor, adeja em torno delas, murmura-lhes ao ouvido, contempla a sua alma, conversa com seu Espírito!’

“Assim, a morte se acha despojada do cortejo de terrores misteriosos e indefinidos com que foi cercada por aqueles que confiam mais na degradante paixão do medo que no nobre sentimento do amor.

“Notemos, por alto que, sejam quais forem os matizes no ensino da nova filosofia, todos os seus discípulos se entendem sobre este ponto: a morte não é um espantelho, mas um fenômeno

natural, de passagem a uma existência em que, livre de mil males da vida material e dos entraves que o confinam num mesmo planeta, o Espírito pode percorrer a imensidade dos mundos, levantar vôo para regiões onde a glória de Deus é realmente visível.

“Está igualmente demonstrado (*demonstrated*) que os nossos mais secretos pensamentos são conhecidos pelos seres que nos amam e que continuam a velar por nós. É em vão que tentaríamos nos livrar dessa inquisição, terrível por sua própria benevolência. Não é possível duvidar, como quiseram. Muitas vezes fiquei estupefato e me arrepiei ante a revelação imprevista, mas irrecusável, de que os mais íntimos refolhos da consciência podem ser revistados justamente por aqueles a quem quereríamos ocultar nossas fraquezas.

“Não está aí um freio salutar contra os maus pensamentos, os atos criminosos, na maioria das vezes cometidos porque o culpado se tranqüilizou por estas palavras: ‘Ninguém ficará sabendo...’ Se algo pode confirmar esta verdade tão terrificante para alguns, é a lembrança do que cada um experimenta após uma boa ação, mesmo quando ficou secreta: um contentamento íntimo incomparável. Esses o sabem muito bem, pois a mão esquerda ignora o que dá a direita. É, pois, racional, crer que se nossos amigos nos podem felicitar, também nos podem admoestar; se vêem nossos atos meritórios, igualmente percebem os nossos defeitos.

“A isto não hesitamos em atribuir o fato incontestável e incontestado, de que não há *verdadeiro crente* que não se tenha tornado melhor.

“De nossa conduta, de nossa submissão a este grande preceito: **Amar a Deus e ao próximo...** depende o nosso destino futuro, e não de nossa adesão a esta ou àquela seita religiosa. Não devemos postergar a nossa conversão e sim trabalhar, nós mesmos, pela nossa salvação, *agora*, e não mais tarde, *hoje*, e não amanhã.

“Que haverá de mais consolador, mais reconfortante para a alma virtuosa, através das provas e vicissitudes desta vida, do que a *certeza completa* de que sua felicidade futura depende de suas ações, que ela pode dirigir?”

“Por outro lado o vicioso, o mau, o cruel, o egoísta, sobretudo o egoísta, sofrerá por si e pelos outros (*self and mutual torment*) tormentos mais terríveis que os do inferno material, tal qual a imaginação mais desordenada jamais pôde conceber.”

Allan Kardec